



HORIZONTE

JORNAL DO BATALHÃO 2908

JANEIRO 1972

RESPONSABILIDADE DO COMANDO DO B.C. 2908



SUMÁRIO

JANEIRO - 72

SUMÁRIO.....	1
MENSAGEM DE NATAL.....	2-3
A NOSSA BANDEIRA.....	4
MENSAGEM DE ANO NOVO.....	5
HISTÓRIA DO NAVIO.....	6-12
VOZES DOS ANIMAIS:.....	13
O SEGREDO DO MATRIMÓNIO É NÃO HAVER SEGREDOS.....	14-17
SALVAR DA DESTRUIÇÃO A CATEDRAL DA COLÓNIA.....	18-19
DIÁRIO INACABADO.....	20-21
MEDICINA.....	22-23
CINEMA.....	24-26
MINHA MÃE.....	27
NOTICIÁRIO.....	28-31
FUNDAMENTO MORAL DA POSIÇÃO PORTUGUESA.....	32-33
ESTATUTO DO HOMEM.....	34-35
TENSÃO ALTA/TENSÃO BAIXA.....	36-37
COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS.....	38-39
MOCUBA.....	40
DA IMAGEM À IDEIA.....	41-43
A ARTE GREGA.....	44-45
CIVILIZAÇÕES PERDIDAS.....	46
POESIA-NATAL.....	47-48
PALAVRAS CRUZADAS.....	49
O VELHO, O RAPAZ E O BURRO.....	50-51
DESPORTO.....	52
DESPEDIDA.....	53

DIRECÇÃO..... COMANDO
REDAACÇÃO..... SECÇÃO APSIC
DESENHADOR..... VIRIATO REBELO

— EFE —

AGRADECE-SE A TODOS OS QUE, DURANTE ESTES 2 ANOS DE COMISSÃO,
COLABORARAM NO "JORNAL HORIZONTE"



DO
 DE
 DE
 DE

3M
 O
 D
 U
 E
 M
 3

DO GENERAL KAÚLZA DE ARRIAGA ÀS FORÇAS
DE TERRA, MAR E AR, SOB O SEU COMANDO,
PROFERIDA EM NANGOLOLO, EM 25 DE
DEZEMBRO DE 1971

1. É este o terceiro Natal que, na impossibilidade de com todos
 estar, passo e vivo com alguns daqueles militares que, em
 Moçambique, em dádiva de suor e sangue, defendem o território
 .../

e as populações, garantindo a integridade daquele e permitindo, à quase totalidade destas, a normalidade na vida e no trabalho. E procede assim, também por dever, mas sobretudo por impulso irreprimível de solidariedade, admiração e amizade para com os soldados que comando; com quem me sinto em plena comunhão e com quem, sempre que possível, partilho da tristeza ou da alegria e do risco ou do triunfo.

Creio mesmo que, em toda a minha vida, na qual contactei com pessoas de variada cultura, profissão ou actividade, um dos sentimentos mais forte, profundo e com mais intensa acuidade que conheço é o que presentemente venho experimentando ao identificar-me com os meus soldados, em particular com os combatentes, os que arriscam, em motivação nata e com tanta naturalidade, a vida, na procura do êxito de que o país e o mundo precisam.

2. Em 1969, escolhi, para estar no dia de hoje, Pundandar, bem no Norte de Cabo Delgado e onde, em Natal anterior, o terrorismo tinha agido e destruído pelo incêndio todas as instalações.

Em 1973, preferi Vartilbo, mais ao Norte ainda, a alguns metros do Rovuma e última base importante conquistada ao inimigo.

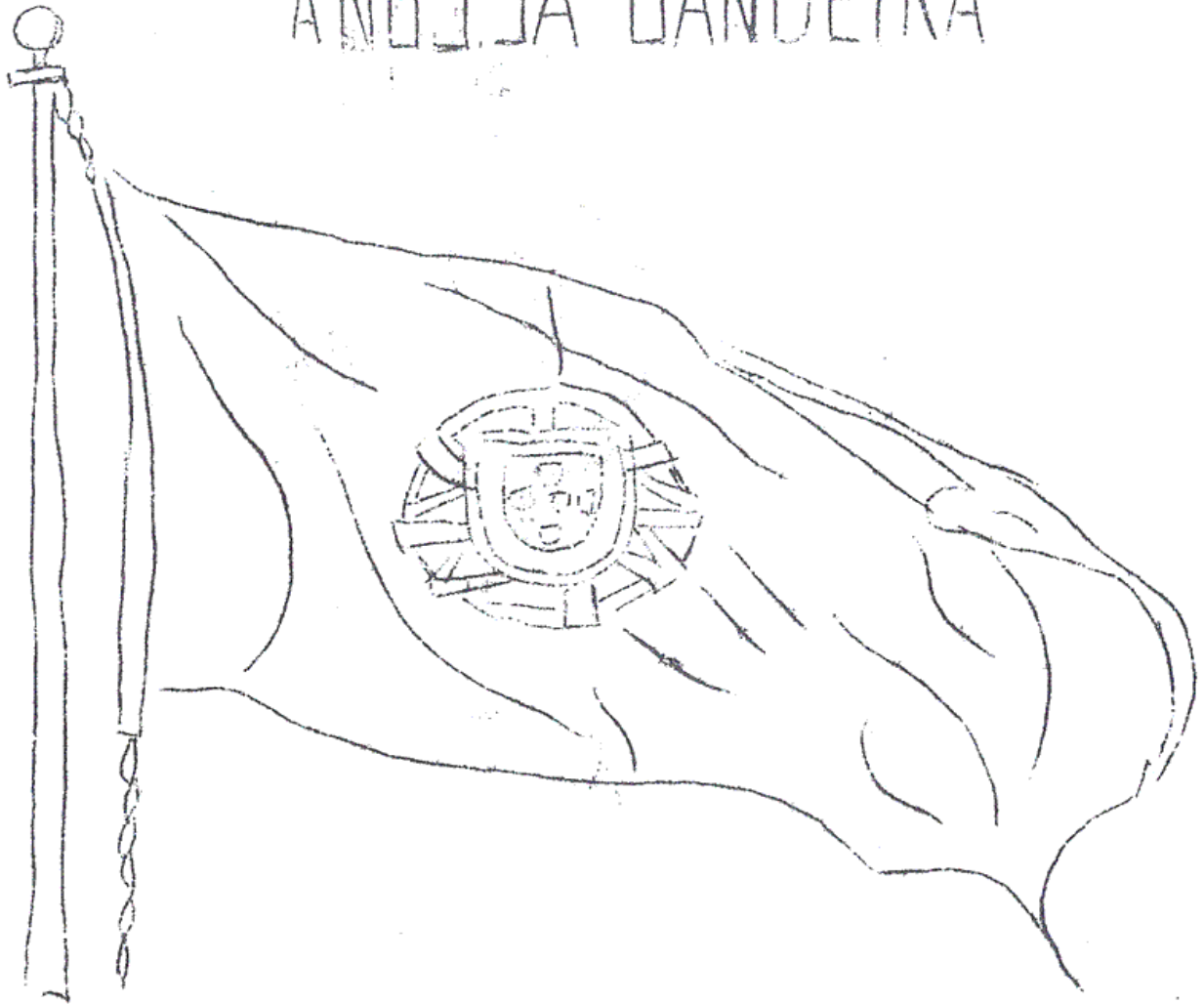
Este ano e na inexistência já de objectivos que, após a sua conquista, tivessem significado bastante, pareceu-me do maior interesse passar e viver o Natal em Mangololo e aqui fazer reabrir ao culto a sua Igreja.

3. Mangololo, no coração do Planalto dos Macondes, centro do seu catolicismo e onde o absurdo, o terrorismo, começou, é bem o local rico de simbolismo, o local próprio para proclamar a derrota, inevitável e em curso, daqueles que, com objectivos inconfessáveis, por desvario ou medo, promoveram que outros se lançassem ou lançaram-se eles mesmo na prática de actos cobardes e selvagens, em verdade, inqualificáveis perante Deus e os homens.

A reabertura ao culto da Igreja de Mangololo, padrão da espiritualidade da etnia maconde, sintetiza todo o nosso desejo de paz, de paz justa, de paz digna, de paz progressiva.

Que ela abra os espíritos daqueles que, por insuficiente conhecimento das realidades, carência de cultura ou menores possibilidades intelectuais, em lugar de nos ajudarem na correção de eventuais faltas que a imperfeição dos homens torna possíveis, fomentam a guerra e se constituem em responsáveis por mais sangue derramado, em total absurdo. Que ela seja chamamento, ouvido e seguido por todos os elementos das populações ainda afastados do nosso convívio e que, assim, sofrem no erro, na aflição da dúvida ou sob escravidão inimiga. E que ela ilumine, ainda, o próprio inimigo, revelando-lhe o erro e o crime em que se debate e a inutilidade de tantos esforços e sacrifícios.

ANDESSA BANDEIRA



Alta luz que vai adiante
 Alumia duas vezes...
 Assim foste, e serás sempre,
 Bandeira dos Portugueses.

Bandeira das Cinco Chagas
 Se Deus a visse no chão
 Viria do Céu à Terra
 Erguê-la por Sua mão.

Se fores o porta-bandeira,
 Soldado que vais à guerra,
 Nem que te cortem os braços
 Não na deixes ir por terra.

As bandeiras também servem
 De letras que dão sinal:
 Para Deus falar ao Mundo,
 Bastava a de Portugal.



MENSAGEM DE ANO NOVO DO GENERAL KAÚLZA DE ARRIAGA

AS NOSSAS FORÇAS ARMADAS NO DIA DA PAZ

Ao abrir do Ano de 1972, um particular pensamento de gratidão para as Forças Armadas da Nação Portuguesa de Terra, Mar e Ar.

Defensores da Paz conforme a Tradição lusíada, estão hoje de armas na mão em três Regiões de Portugal: Guiné, Angola e Moçambique.

Que Santa Maria Virginalmente Mãe seja Mensajeira da Paz. Não estamos contra ninguém. Temos um programa social que queremos realizar com raças e geografias diversas. Diferente de outros? Com certeza, mas está apoiado na verdade do homem que é anterior a todos os sistemas. E não começámos ontem, já temos muitos séculos de convívio inter-racial.

O que pedimos é que cessem as pressões de ambição económica e política estrangeiras para que os nossos homens de armas regressem ao trabalho, no campo, no comércio, na indústria. É a Paz que desejamos em 1972. Pedimos a Paz para todas as nossas gentes por Santa Maria cujo Nome já anunciámos pelas cinco partidas do mundo.



A VIDA NASCEU NO MAR

Biliões de anos decorreram até que o antepassado do homem actual fizesse a sua entrada no grande palco da vida. Mas, jamais a vida humana subsistiu longe da água. A água era necessidade vital, refúgio, e, possibilidade de obtenção de alimentação fácil.

Hordas errantes de caçadores e recolectores pré-históricos deslocaram-se ao longo de cursos de água, estuários de rios, e terras planas da costa, já porque estes caminhos constituíam linhas de penetração naturais, já porque os livravam de ataques de outras hordas, os mantinham junto da água, indispensável à vida, ou ainda porque lhes facultavam uma alimentação abundante e obtida sem luta.

Quando começou o homem a usar embarcações? Não é possível responder com segurança a esta pergunta. A avaliar pelas civilizações primitivas que ainda subsistem, e os utensílios e técnicas ao seu alcance, poderemos dizer que provavelmente as embarcações (no sentido de máquina deliberadamente construída utilizando ferramentas e técnicas de trabalho específicas) começaram a ser utilizadas no paleolítico médio, isto é, há aproximadamente 200.000 anos.

Eram provavelmente estas embarcações canoas escavadas em troncos de árvore, utilizando machados e enxós de pedra e o fogo.

Pela sua forma e proporções e pela observação das actualmente usadas por algumas populações primitivas da África e Oceânia, deviam ser propulsionadas por um único remo (pagaia) utilizando alternadamente de um bordo e outro da embarcação e concerteza somente serviriam para navegar em cursos de água.

.../

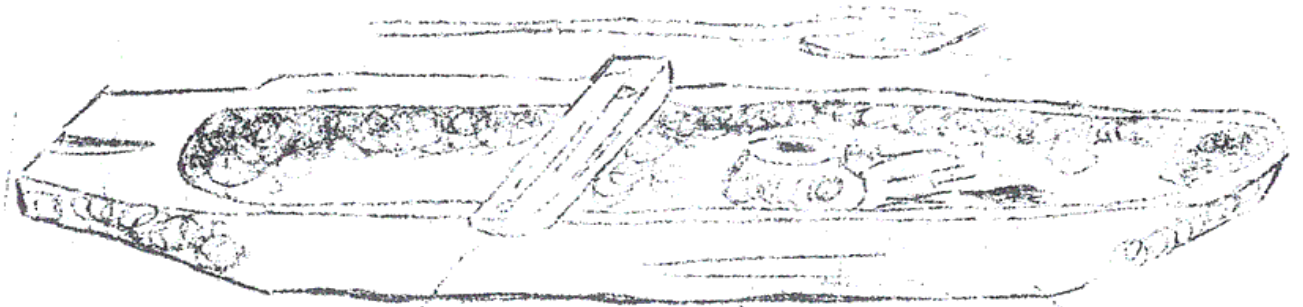


Figura Nº.1

Na figura 1 apresentamos uma reconstituição de canoa - pré-histórica segundo Björn Landström em "The Ship". Este tipo de embarcação é ainda hoje utilizado em África, América do Sul e Oceânia. É possível que simultâneamente fossem também utilizadas jangadas formadas por troncos de árvores atados uns aos outros com lianas.

Uma jangada deste tipo, a "Kon Tiki" serviu nos anos 50 deste século ao explorador Thor Heyerdahl para tentar com êxito uma viagem da costa oriental da América do Sul às ilhas da Polinésia, numa tentativa para demonstrar que os habitantes destes arquipélagos podiam ser descendentes dos Incas. Jangadas assim, como eram provavelmente há mais de 10.000 anos podem ainda hoje ser observadas na costa nordeste do Brasil (figura 2).

Também os esquimós e lapões constroem barcos segundo a mesma técnica. Mas... tudo isto são especulações, baseadas no que homens dispoem de determinadas ferramentas e vivendo nas mesmas condições que ainda hoje vivem alguns homens, poderiam ter feito.

No entanto, muitas perguntas ficam por responder: quando se começou a fazer navegação oceânica? Quais as dimensões destes barcos pré-históricos? Como transportavam as mercadorias? Como subiam cursos de água?

Só com o nascimento da história e o desenvolvimento da civilização no chamado crescente fértil "região entre o Tibre e o Eufrates" e o aparecimento dos Egípcios começamos a ter documentos gráficos da fascinante história dos navios e..., o mais importante, dos homens que os tripularam.

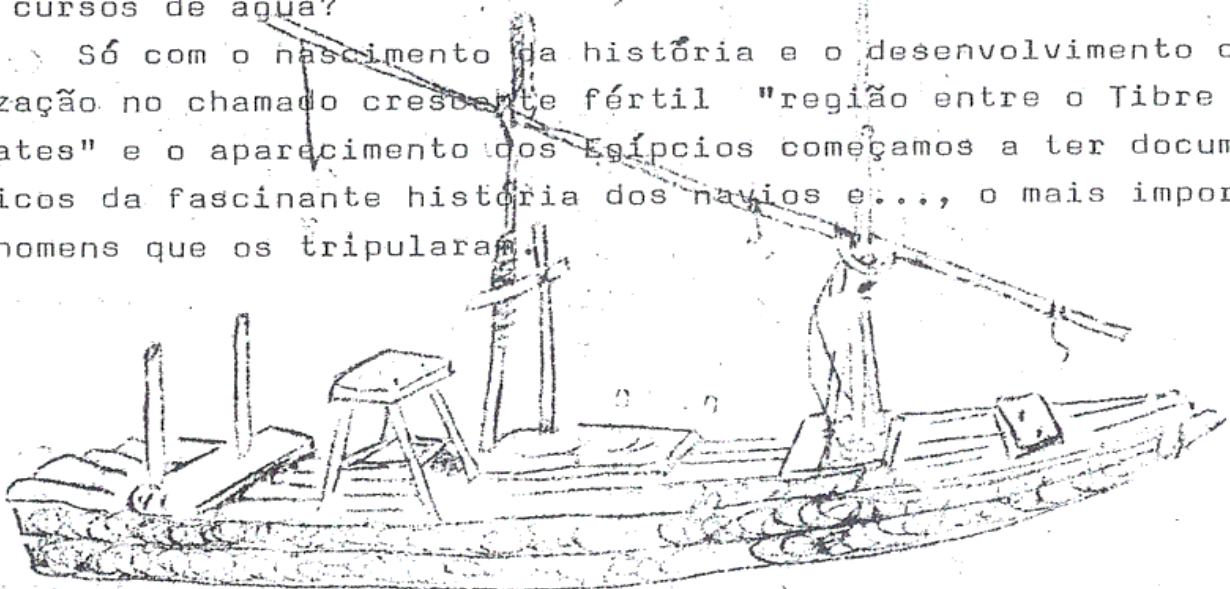


Figura Nº.2

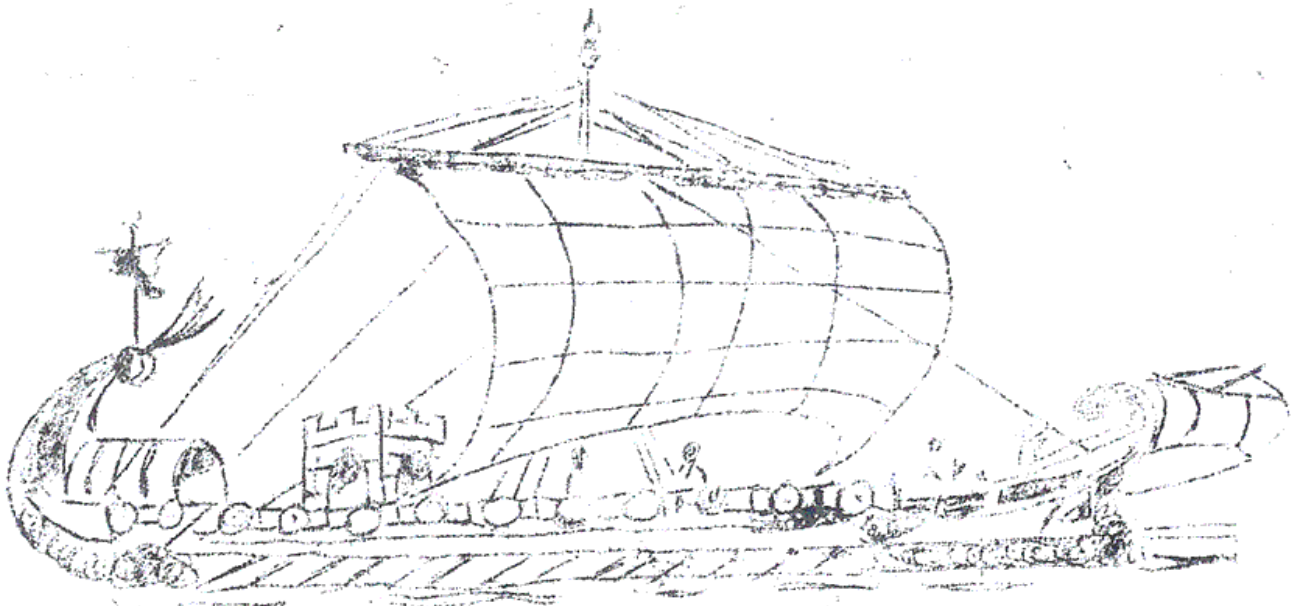


Figura Nº.1

Enquanto na Grécia o destino marítimo era, por assim dizer, imposto a um povo, a costa italiana só tinha diante de si as águas desertas do mediterrâneo. No entanto, uma povoação insignificante das margens do Tibre, chamada Roma, provavelmente no início um local de permuta e comércio de cavalos, erigindo-se súbitamente em grande potência impunha a sua soberania a todas as tribos da Itália central. A nova cidade nutria o propósito de construir navios, para entabular transacções comerciais com a Sicília e o Sul da França. Porém tal zona estava na esfera e influência de Cartago, uma potência marítima (fig. 1).

Na primavera de 264 A.C. Roma tomou Messina. Cartago não podia tolerar tal atitude sob pena de perder o domínio do Mediterrâneo. Cartago tinha os navios e Roma dispunha apenas de infantaria. Uma coisa se pode dizer dos romanos. Copiaram tudo dos outros povos desde os navios até aos deuses. Mas este povo de agricultores e soldados revelou-se um inovador na construção naval.

As pesadas quinquirremes cartaginesas combatiam do mesmo modo que as galeras gregas tentando abalroar o inimigo e incendiá-lo ou matar a tripulação pelo arremesso de flechas e de engenhos incendiários. Ora os romanos construíram navios sob a direcção dos gregos e adaptaram-nos à sua maneira de combater. Arpões e pontes permitiam à infantaria passar para o navio adversário e tomá-lo intacto. Assim em 260 A.C. Roma derrotou Cartago na batalha de Milas e tirou aos Cartagineses o domínio do mar.

Figura Nº.2

Com o advento das cruzadas reacendeu-se o surto econômico no mediterrâneo dando preponderância às cidades marítimas, tendo-se formado poderosas associações de mercadores como Veneza e Génova autênticas repúblicas mercantis. Para se defenderem dos piratas e dos excessivos tributos os mercados associaram-se em uma associação ou liga da hansa que tinha sede em Lubeck e da qual participavam voluntariamente mais de 100 cidades.

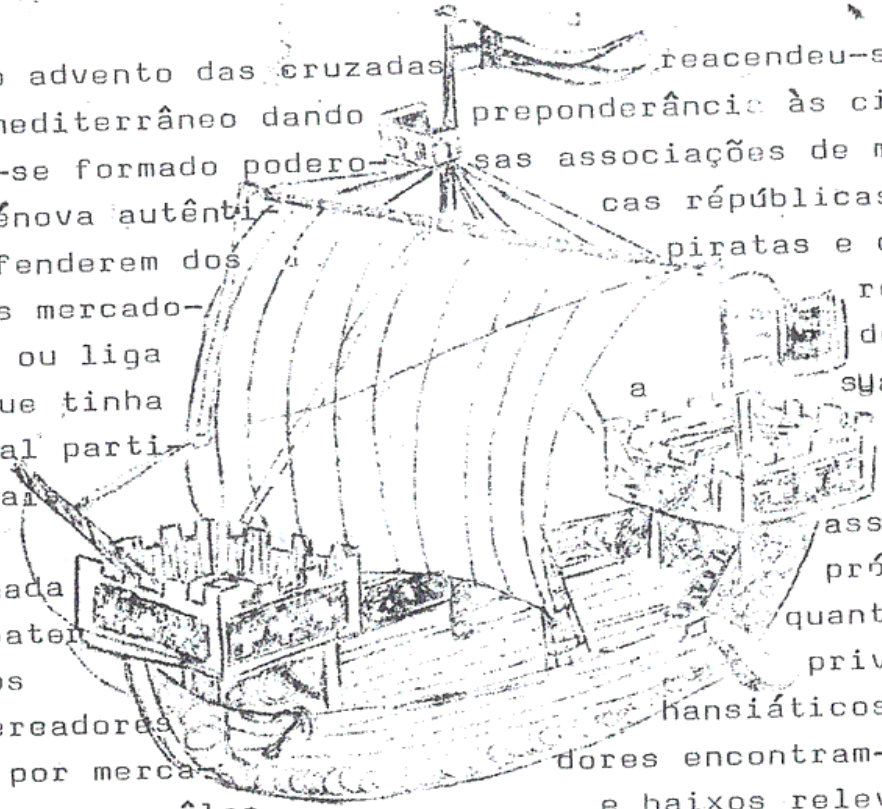


Figura Nº.1

Esta associação custava uma armada própria e não hesitava em combater os piratas e se atreviam a opor-se aos privilégios dos poderosos mercadores hansíaticos. Os barcos típicos usados por mercadores encontram-se representados em numerosos selos e baixos relevos de igrejas e catedrais.

Embora estes barcos não apresentem, sobre os anteriores, grandes inovações, foram possivelmente os primeiros a utilizar leme actualmente o conhecemos.(figura Nº.1).

Outra liga de mercadores que teve no século XIII uma certa preponderância foi a chamada liga dos cinco portos. Portos do Sul de Inglaterra monopolizaram o comércio do continente com as Ilhas Britânicas e transportaram com as suas frotas cruzados idos de Inglaterra para a terra santa. Os barcos desta liga dos Cinco Portos tinham sido nitidamente influenciados pelo tipo de barco viking, embora o papel motor fosse atribuído à vela em substituição dos remos (figura Nº.2). De qualquer modo era dada muita importância ao armamento e aprestos do navio e até segurança dos passageiros.

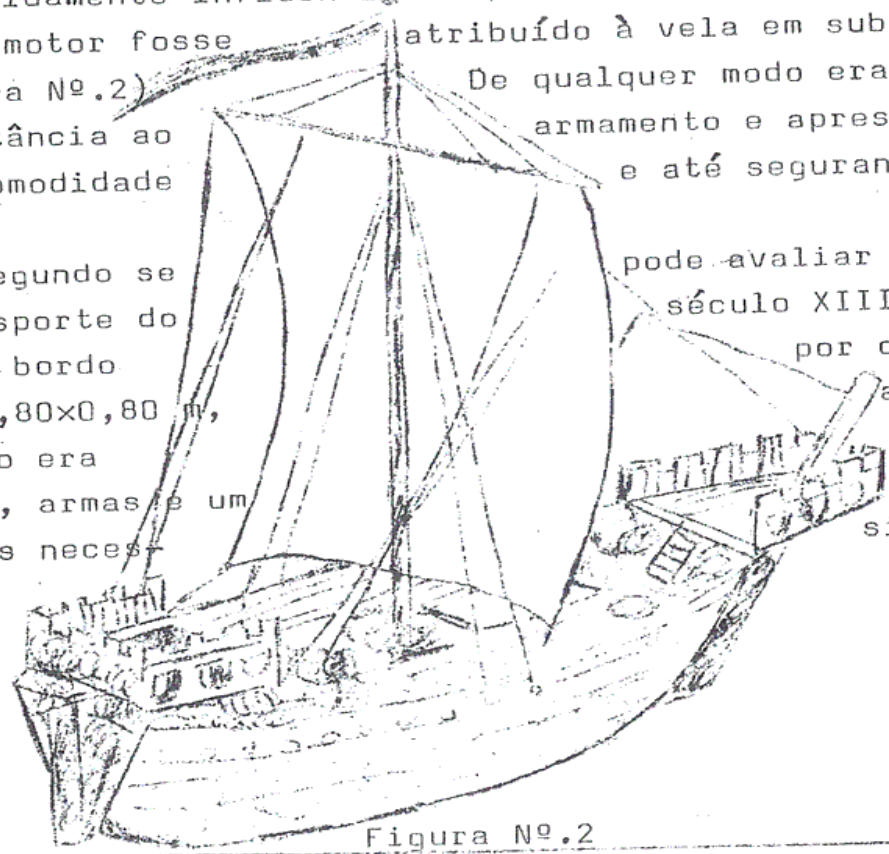
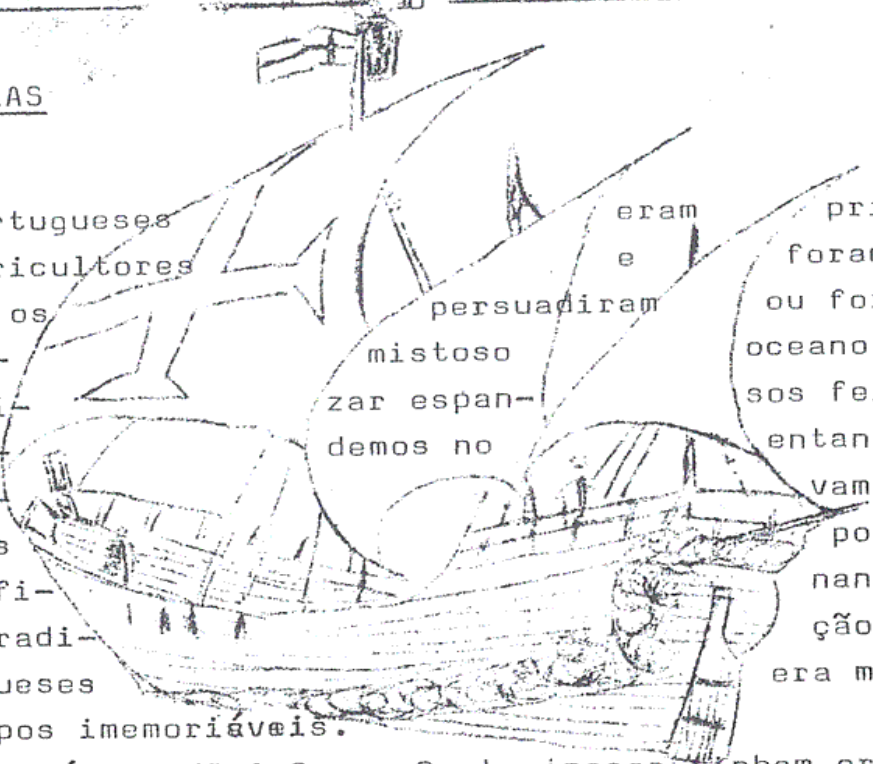


Figura Nº.2

Assim, segundo se pode avaliar por contratos de transporte do século XIII, o espaço destinado a bordo por cada passageiro era de 1,80x0,80 m, além disso cada passageiro era obrigado a levar roupas, armas e um recipiente para as suas necessidades pessoais.

CARAVELAS

"Os portugueses eram um povo de agricultores e príncipes que os persuadiram a abandonar-se ao inázar misto espan- demos no mar. Não po- que se efecti- e os Príncipes centivaram e fi- cobertas, a tradi- tre os portugueses datava de tempos imemoriáveis.



eram principalmente foram os seus ou forçaram a lan- oceano, onde eles sos feitos". entanto esquecer vamente os Reis portugueses in- nanciaram as des- ção marítima en- era muito forte e

Desde o século VI A.C. os Cartagineses tinham organizado a Sul do Tejo uma indústria pesqueira da qual ainda restam as grandes salgadeiras em Setúbal na ilha de Tróia.

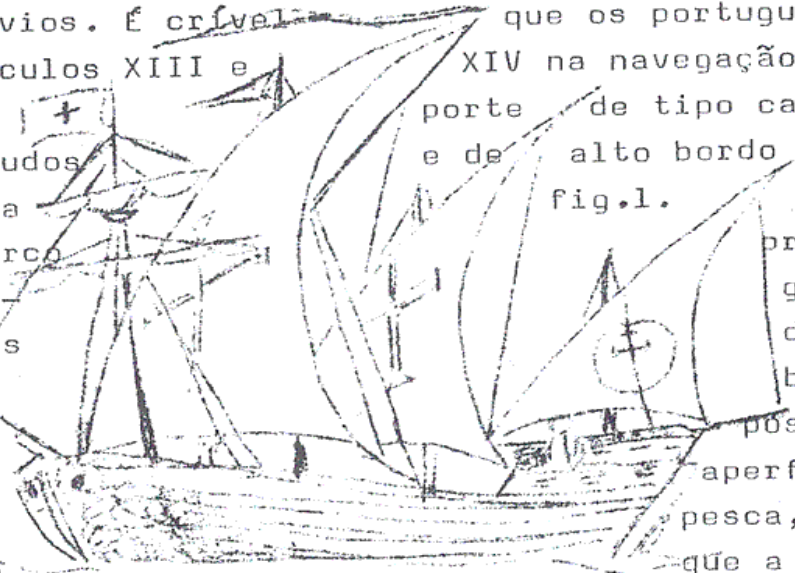
Como navegação de guerra e costeira é admitido por grande número de investigadores que já no tempo do Conde D. Henrique e do seu filho D. Afonso havia uma armada, e que aliás se compreende pela necessidade de defender a nossa costa marítima dos corsários mouros que peiaram as nossas águas desde de Lisboa.

O filho bastardo de D. Diniz, D. Pedro, conde de Barcelos, diz no seu Nobiliário, que depois da batalha de Guimarães, o Conde Fernando de Trastámara fora mandado para fora do reino por mar.

Por outro lado a História compostelana menciona navios pertencentes a D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, em 1121.

Na obra "Monarquia Lusitana" relata-se a doação da propriedade de umas casas feitas por D. Afonso III a João de Miona em 1250 por ter feito a construção de uma grande nau. Parece que já no tempo de D. Sancho II existia na Ribeira Velha um arsenal destinado à construção de grandes navios. É crível que os portugueses utilizassem até aos séculos XIII e XIV na navegação costeira

barcos de grande porte de tipo catalão e aragonês. Navios bojudos e de alto bordo como a carraca representada na fig. 1.



Porém o barco primitivamente utilizado na navegação de re- conhecimento e nas descobertas foi a caravela, barco tipica- mente português possivelmente representando um aperfeiçoamento de um barco de pesca, muito mais rápida e graciosa que a carraca, ...

Figura Nº 2

NAUS

Porém o barco primitivamente utilizado na navegação de reconhecimento e nas descobertas foi a caravela, apresentando um aperfeiçoamento de um barco de pesca, muito mais rápida e graciosa que a carraca, a caravela portuguesa tinha em geral dois ou três mastros e era equipada inicialmente com velas latinais. As distâncias cada vez maiores a percorrer a dureza dos mares e a necessidade de aumentar a tonelagem dos barcos levaram à evolução da caravela.

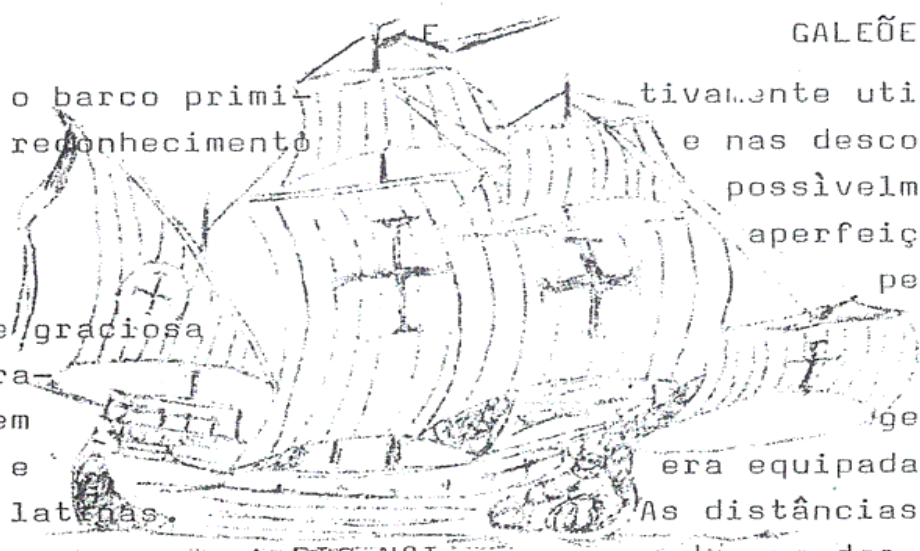


FIG. Nº 1

GALEÕES

Esses barcos extraordinariamente ligeiros e sólidos fizeram todo o reconhecimento de costas, correntes e ventos dominantes do Atlântico, o que permitiu em princípio de quinhentos a utilização de barcos mais pesados e utilizando pano redondo que assim se chamava às velas quadradas. Por outro lado as caravelas pelo seu baixo bordo, "muito casa com as ondas", como se exprimiam os marinheiros de então, não era própria para correr com vento de popa, como se pretendia nas longas viagens para a Índia. Da expedição de Colombo tinham os Portugueses tirado ensinamentos valiosos que confirmavam as opiniões dos nossos marinheiros.

A "Santa Maria", navio almirante a que poderemos chamar uma caravela-nau, tinha as seguintes características: tamanho entre perpendiculares, 22 metros, de cada lado, 1,82 centímetros.

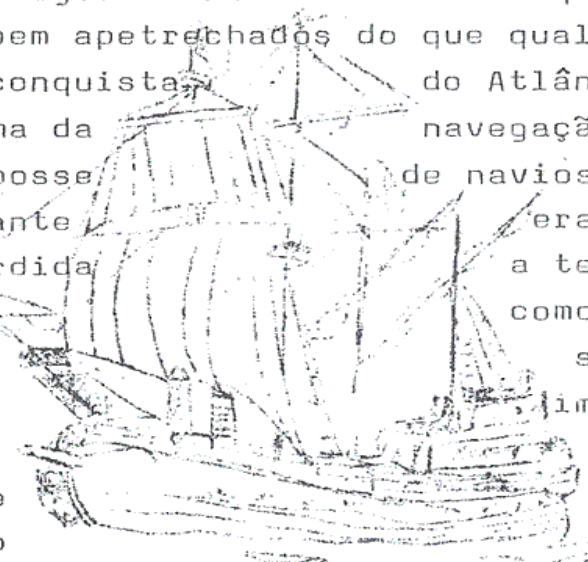
O casco pesava 127 toneladas. Possuía 5 cobertas e 3 mastros. Tinha uma superfície de velame de 466 m² e como artilharia dispunha de 8 pequenas peças.

Estas proporções não poderiam servir nas viagens que foram empreendidas pelos Portugueses no alvorecer de quinhentos. Estavam os Portugueses mais bem apetrechados do que qualquer outro povo para a descoberta e conquista do Atlântico.

Mas o problema da navegação em alto-mar não consistia apenas na posse de navios adequados.

Muito importante era a orientação dos mareantes uma vez perdida a terra de vista, não só para a ida como para efectuarem um regresso seguro.

Desde tempos imemoriáveis se tentava resolver este problema pela observação dos astros e até embora há menos tempo pela utilização da bússola.



Porém foram os
são adaptada e simplificada
dos Gregos, conseguiram
do Sol e assim determinar

O astrolábio era
em 360° e com uma mira
ta do ângulo solar.
bém um tipo de astrolábio
permitia fazer lei-
cos. Há notícia de
didas por pilotos
o astrolábio

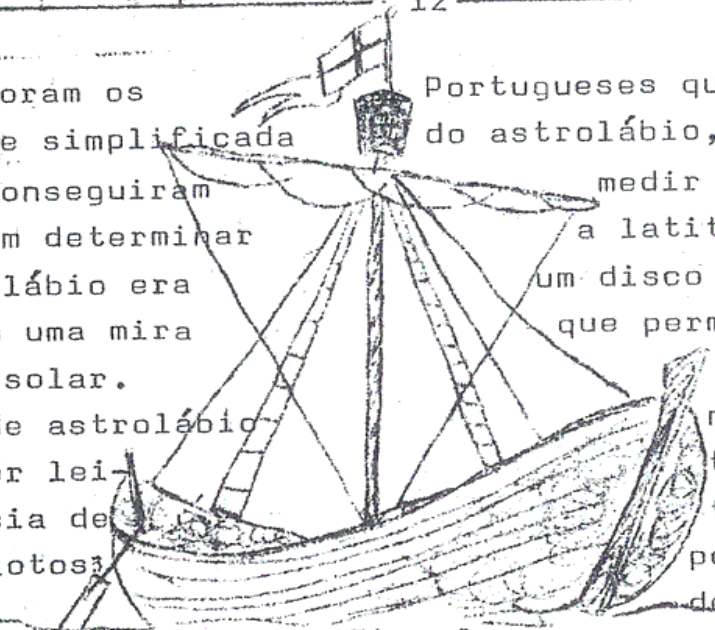


Fig. 1

Portugueses que utilizando uma ver-
do astrolábio, já conhecido dos
medir a distância zenital
a latitude.

um disco de madeira dividido
que permitia a medição direc-
Foi desenvolvido tam-
mais pequeno que
turas a bordo dos bar-
terem sido feitas me-
portugueses empregando
desde 1462.

Outra contribuição
marinha foi a instalação de artilharia a bordo. As primitivas peças
instaladas na amurada das caravelas eram pequenos falconetes que dis-
paravam balas esféricas e destinavam-se a repelir tentativas de as-
salto de nativos hostis e também para chamar a bordo as tripulações
desembarcadas em caso de perigo ou emergência.

Eram fundidas em ferro e montadas num fuste de madeira. Leva-
vam também a bordo os nossos barcos uma força de soldados destinada
a desembarques e a guarnecer feitorias ou entrepostos que viessem a
edificar-se. A descoberta da Índia foi uma empresa preparada e cal-
culada até aos mínimos pormenores e não uma casual aventura.

O barco utilizado foi (fig.1) tipo de embarcação que veio su-
bstituir a caravela e se tornou a embarcação dominante a partir do
início do século XVI. Outro navio em evidência durante os séculos XVI
e XVII é o galeão (Fig.2). De origem portuguesa é curioso assinalar
que no século XVII era uma galé pequena e levando uma só ordem de
remos. Com o andar dos tempos o termo galeão foi aplicado a navios
de alto bordo e de velas que faziam as carreiras da América, África
e Índias. Tanto as naus como os galeões foram aumentando em tonela-
gem e potência de artilharia tendo-se chegado nestes dois campos a
autênticos exageros.

Para iludir um regimento publicado por D. Sebastião em 1570 que
limitava a tonelagem das naus a quatrocentas toneladas elevaram-se
e multiplicaram-se os castelos à proa e à popa tornando os barcos
lentos e desequilibrados.

O abuso foi de tal ordem
embarcações que em 1591 saíram para
conseguiram voltar. Com
artilharia
portuguesa



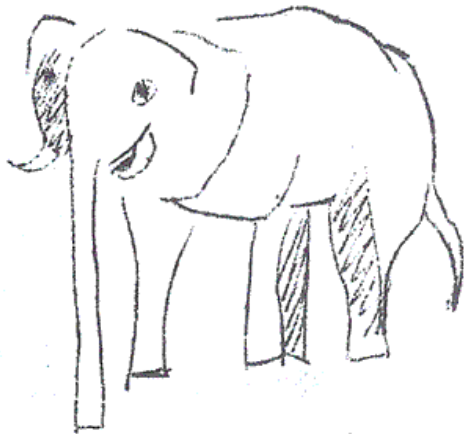
Fig. 2

que de vinte e duas
a Índia somente duas
respeito a
a nau
"Santa
caterinhã de Monte
de 800t. construída em
tinha 278 peças de arti-
de diversos calibres.

Sinai,
1520
lharia

Finalmente temos os grandes paquetes só possível devido à técnica moderna

vozes dos animais



Relincha o nobre cavalo,
Os elefantes dão urros,
A tímida ovelha bala;
Zurrar é próprio dos burros.

Regouga - sagaz raposa,
Brutinho muito matreiro;
Nos ramos cantam as aves,
Mas pia o mocho agoureiro.



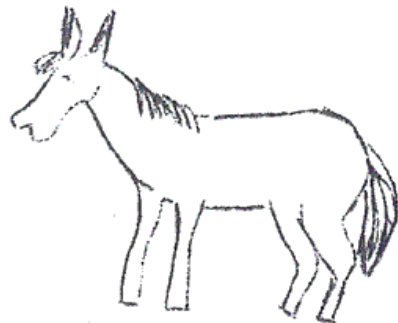
O negro corvo crocita,
Zune o mosquito enfadonho;
A serpente no deserto
Solta assobio medonho.

Bramam os tígres, as onças,
Pia, pia o pintainho;
Cucurita e canta o galo,
Late e gane o cachorrinho.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais.
Nos versos lidos acima
Se encontram em pobre rima
As vozes dos principais.

Palram pega e papagaio
E cacareja a galinha;
Os ternos pombos arrulham,
Geme a rola inocentinha.

Muge a vaca, berra o touro,
Grasna a rã, ruge o leão;
O gato mia, uiva o lobo,
Também uiva e ladra o cão.



Sabem as aves ligeiras
O canto seu variar;
Fazem gorjeios às vezes,
Às vezes põem-se a chilrear.

O pardal, daninho aos campos,
Não aprendeu a cantar:
Como os ratos e as doninhas,
Apenas sabe chiar.

Chia a lebre, grasna o pato,
Ouvem-se os porcos grunhir;
Libando o suco das flores,
Costuma a abelha zumbir.

A vitelinha dá berros,
O cordeirinho balidos;
O macaquinho dá guinchos,
A criancinha, vagidos.



As posições de marido e mulher já não são tão rígidas. É um bem, mas nem todos têm a maturidade para sabê-lo aceitar. A igualdade dos sexos é uma grande conquista para a mulher; infelizmente muitos homens ainda não estão de acordo com esta igualdade. Daqui vem grande parte dos dramas conjúgais. Não quer dizer que no passado os matrimônios fossem melhores do que hoje. É que as mulheres estavam mais dispostas a suportar e a levar para diante o seu matrimônio ainda que se calvasse só as aparências.

Durante séculos o matrimônio foi apresentado antes de mais nada como um contrato. Verdade que o matrimônio é um contrato, mas acima de tudo é uma relação de amor, mudaram muito os aspectos sociais, físicos, emotivos e espirituais. Nós estamos a viver a mais profunda revolução que jamais atingiu a família, devemos ajudar as pessoas a aceitá-la.

35 ANOS MAIS DIFÍCEIS

Estamos perante uma mudança social: no princípio deste século a média da vida era de 50 anos; hoje é mais de 70. Significa isto que as pessoas hoje vivem mais e como a tendência moderna é de casarem muitíssimo jovens, os casais que vivem juntos durante 40 ou 50 anos são muito frequentes. E não é uma coisa simples conseguir chegar às "bodas de ouro" do casamento. Na época do "sim" os jovens esposos talvez se sintam duas almas g meas. Mas agora os anos correm e as mudanças são muito rápidas. Aos 30 anos já não são os homens dos 20 anos e aos 35 já não se é o mesmo dos 30. Assim dois encontram-se, depois de alguns anos de convivência os dois encontram-se como estranhos que têm em comum uma casa, as refeições e os filhos se existem, mas nada mais. Partiram para fazer a mesma estrada mas depois encontram-se cada um a percorrer a sua e sôzinhos.

Uma outra revolução: pela primeira vez na história do homem separou-se a procriação do amor. O fim do matrimônio já não é somente e sobretudo a procriação dos filhos, mas o amor. Isto é muito importante. Até a Igreja teve de enfrentar um problema muito difícil. Eu sou católico fervoroso, creio que conheço a fundo a Bíblia. Ora bem, enquanto que na Sagrada Escritura se fala muito no matrimônio, ainda não temos bem desenvolvida uma teologia matrimonial; tanto que eu penso que o matrimônio foi durante séculos o sacramento mais esquecido. Foi sempre considerado como um contrato e por isso temos muito direito canónico mas pouquíssima teologia. É verdade que os últimos documentos puseram o problema em termos admiráveis; penso na constituição "Gaudium et Spes" (alegria e esperança) do Concílio Vaticano II e naquele belíssimo início do parágrafo:

SEGREDO DO MATRIMÓNIO É NÃO HAVER SEGREDO



O Dr. Jack Dominiani trabalha no Centro Middlesex Hospital de Londres e publicou um livro sobre os matrimónios destruídos "Marital Breakdown" cuja edição é um verdadeiro "best-seller" dos livros de bolso e por isso se chama ao seu autor o cirurgião do amor conjugal". Talvez se deva ao Dr. Dominiani o slogan: "Quem precisa de curar o coração vá à cidade do Cabo; quem tem de curar o cérebro vá a Estocolmo, mas quem tem de curar o matrimónio vá a Londres!". Tem 42 anos e nasceu em Atenas; estudou na Índia e na Inglaterra (Cambridge e Oxford). Doutorou-se em medicina em 1955 e em Psiquiatria em 1961. É católico e casado e tem 4 filhos dos 7 aos 14 anos. Trabalha uma média de 12 horas por dia. O segredo do seu matrimónio? - "Um matrimónio sem segredos!". Costuma afirmar.

O "Jornal Horizonte" regista hoje, com interesse, algumas afirmações do Dr. Jack Dominiani, certo de que são úteis aos seus numerosos leitores.

Um dos pontos-chave para a união feliz no matrimónio é a confiança absoluta e a abertura total.

Numa sociedade avançada como é a nossa, o dinheiro, o trabalho a casa e o estado social são todos objectivos facilmente atingidos. Um bom salário já não é uma coisa excepcional. Os esposos querem ter uma casa e conseguem-na como é justo. A mulher tem uma grande liberdade: se quer trabalhar, se não quer fica em casa. Em tempos ainda muito recentes a posição de marido e mulher era muito clara: o marido era o chefe da família, levava o dinheiro para casa, tratava dos assuntos mais sérios e mesmo que a mulher não estivesse de acordo a última palavra era sempre dele. A esposa dava ao mundo os filhos, educava-os, era o centro da unidade doméstica, a fonte de conforto. Costumava dizer-se: o homem é o chefe da casa, a mulher é o coração.

Tudo isto está a mudar rapidamente.

.../

As posições de marido e mulher já não são tão rígidas. É um bem, mas nem todos têm a maturidade para sabê-lo aceitar. A igualdade dos sexos é uma grande conquista para a mulher; infelizmente muitos homens ainda não estão de acordo com esta igualdade. Daqui vem grande parte dos dramas conjúgais. Não quer dizer que no passado os matrimônios fossem melhores do que hoje. É que as mulheres estavam mais dispostas a suportar e a levar para diante o seu matrimônio ainda que se salvasse só as aparências.

Durante séculos o matrimônio foi apresentado antes de mais nada como um contrato. Verdade que o matrimônio é um contrato, mas acima de tudo é uma relação de amor, mudaram muito os aspectos sociais, físicos, emotivos e espirituais. Nós estamos a viver a mais profunda revolução que jamais atingiu a família, devemos ajudar as pessoas a aceitá-la.

OS ANOS MAIS DIFÍCEIS

Estamos perante uma mudança social: no princípio deste século a média da vida era de 50 anos; hoje é mais de 70. Significa isto que as pessoas hoje vivem mais e como a tendência moderna é de casarem muitíssimo jovens, os casais que vivem juntos durante 40 ou 50 anos são muito frequentes. E não é uma coisa simples conseguir chegar às "bodas de ouro" do casamento. Na época do "sim" os jovens esposos talvez se sintam duas almas gêmeas. Mas agora os anos correm e as mudanças são muito rápidas. Aos 30 anos já não são os homens dos 20 anos e aos 35 já não se é o mesmo dos 30. Assim dois encontram-se, depois de alguns anos de convivência os dois encontram-se como estranhos que têm em comum uma casa, as refeições e os filhos se existem, mas nada mais. Partiram para fazer a mesma estrada mas depois encontram-se cada um a percorrer a sua e sózinhos.

Uma outra revolução: pela primeira vez na história do homem separou-se a procriação do amor. O fim do matrimônio já não é somente e sobretudo a procriação dos filhos, mas o amor. Isto é muito importante. Até a Igreja teve de enfrentar um problema muito difícil. Eu sou católico fervoroso, creio que conheço a fundo a Bíblia. Ora bem, enquanto que na Sagrada Escritura se fala muito no matrimônio, ainda não temos bem desenvolvida uma teologia matrimonial; tanto que eu penso que o matrimônio foi durante séculos o sacramento mais esquecido. Foi sempre considerado como um contrato e por isso temos muito direito canónico mas pouquíssima teologia. É verdade que os últimos documentos puseram o problema em termos admiráveis; penso na constituição "Gaudium et Spes" (alegria e esperança) do Concílio Vaticano II e naquele belíssimo início do parágrafo:

"intíma comunidade de vida e de amor conjugal". Admiráveis são também os termos da Encíclica "Humanae Vitae" (da vida humana) de Paulo VI; foi pena que este documento fosse ofuscado pelas polémicas sobre a pílula anti-concepcional.

Habitualmente a união matrimonial tem maiores perigos de se destruir nos primeiros três anos, quando os dois esposos não conseguem estabelecer um equilíbrio mínimo necessário nas suas relações físicas e afectivas. Os matrimónios que conseguem vencer esta primeira fase com sucesso, entram numa outra fase que pode ter os seus "altos e baixos".

Um risco vem inevitavelmente da maturidade da personalidade. Surgem novas necessidades e se a maturidade não se dá em ambos, um pode não encontrar eco no outro. Tanto quanto o matrimónio for precoce mais as fases de maturização são determinantes. Eis porque se encontram mais divórcios entre as pessoas que casaram muito novas: um atinge a maturidade e o outro não o aceita ou não sabe adaptar-se à nova pessoa que tem junto de si. Um outro período de crise é quando os filhos cresceram e começam a seguir os seus caminhos. Então os pais, e sobretudo a mãe, devem refazer a sua vida afectiva.

Em poucas palavras: é frequente haver uma crise quando nasce o primeiro filho, isto é, quando uma família passa de dois para três elementos mas a mesma crise pode vir quando o filho crescer e sai de casa e a família se reduz de três a dois.

Quando perguntaram ao Dr. Dominiani se tem mais culpa a mulher ou o marido quando o matrimónio se desfaz ele respondeu: "Eu odeio ouvir falar de culpas no matrimónio". Isso foi sempre uma atitude reprovável da nossa sociedade, um dos grandes mandamentos de Cristo e que nós muitas vezes esquecemos é "nunca julgueis ninguém".

Eu creio que as pessoas me procuram tanto e com tanta confiança porque nunca procuro saber de quem é a culpa nem atiro com a cruz para cima de ninguém. Um matrimónio desfaz-se porque falta a relação de amor e isto não é uma culpa".

COMPREENSÃO E CARINHO

As estatísticas do divórcio dizem que os matrimónios mais numeráveis são os dos jovens que se casaram antes dos 22 e 23 anos. São vários os motivos. O primeiro é aquela falta de maturidade de que já falei. Depois é o facto de que os jovens de hoje são atingidos por um fastio quanto à vida sexual. Os jovens procuram sobretudo a compreensão, o apoio e o carinho. E quando se é demasiado jovem ou imaturo também se é egoísta. A vida de hoje é tão frenética e o trabalho tão pesado que muitos casais só se encontram para comer à pressa e em noites de pesadelo para enfrentarem um outro dia

de fadiga. Será possível salvar um matrimónio nestas condições? Sim, deve ser possível. O sucesso de um matrimónio não está na quantidade mas na qualidade de relações de amor. Existem casais que estão juntos muitas horas mas não se falam, como passageiros do mesmo comboio. Para mim e para minha mulher bastam cinco minutos para dizermos que nos amamos. Eis um outro aspecto que hoje é muito esquecido: muitos casais amam-se mas não sabem dizê-lo. Não basta amar; é preciso fazer ver e demonstrar que se ama.

COMO SALVAR UM MATRIMÓNIO

Não existem conselhos bons e iguais para todos os casos. Limitem-me a uma observação: onde o matrimónio é considerado à luz de uma filosofia utilitária que põe em primeiro plano a procura a todo o custo da felicidade pessoal e egoísta e a satisfação imediata de todos os desejos e finalmente a fuga do sacrifício, o matrimónio tem menos possibilidade de duração. Onde ainda são válidos os princípios religiosos e éticos que aceitam o sacrifício como parte integrante da existência e sobretudo quando se procura dar mais do que receber, então o matrimónio encontra um terreno fértil para durar.

I L H A D E M O Ç A M B I Q U E

A fortaleza mergulha no mar
 Os cansados flancos
 e sonha com impossíveis
 naves moiras.
 Tudo mais são suas prisioneiras
 e casas velhas a mirar o tédio.
 As gentes calam na
 voz
 Uma vontade antiga de lágrimas
 e um riquexó de sonho
 desce a Travessa da Amizade.
 Em pleno dia claro
 vejo-te adormecer na distância,
 Ilha de Moçambique,
 e faço-te estes versos
 de sol e esquecimento

Assim, é Moçambique, filha querida de Portugal.



DESCOBERTA SENSACIONAL DE UM PORTUGUÊS QUE ENCONTROU
O PROCESSO DE "CURAR" E "REJUVENESCER" A PEDRA
CALCÁRIA E O MÁRMORE.

Quem nos fez esta afirmação peremptória não é um cientista, nem sequer um diplomado por qualquer escola superior. Também não é um visionário, nem um homem em busca de sensacionalismo fácil. A afirmação tem base, uma base que ele apresentou, no Salão de Inventores de Nuremberga, de 30 de Outubro a 7 de Novembro.

O nosso entrevistado é um homem de 50 anos, nervoso, falador, comunicativo. Antigo funcionário dos C.T.T., o seu estado de saúde levou-o a abandonar a actividade pública. Autodidacta, coca-bicinhos (como ele próprio se considera) começou a dedicar-se a experiências.

Desde 1962 que se dedica aos mármore e possui uma oficina de tipo artesanal. É sua a patente de invenção do método de dar coloração aos mármore. Cores magníficas, que já forneceu para decorações importantes, tanto no continente como na Ilha da Madeira.

Estudou os mármore e conhece-os, como poucos ou mais ninguém os conhecerá, pelo menos em Portugal.

E descobriu um processo de curar a pedra calcária e o mármore. De lhes dar, quando doentes ou velhas, quase mortas, nova vida. Este o caso sensacional!

O HOMEM QUE CURA A PEDRA

-Já me perguntaram o que é que eu tinha feito, em grande.

.../

Nada, é claro, pois tenho estado até agora numa fase de experiências laboratoriais. Mas os resultados obtidos dão-me a certeza de ter descoberto a solução para um problema existente em todo o Mundo e para o qual os cientistas ainda não encontraram solução. Na Universidade de Nuremberga, por exemplo, prevêem que antes de dez anos nada será possível obter para resolver o problema da Catedral de Colónia, preciosa jóia gótica, condenada à destruição... mas que pode ser salva!

O Sr. Acácio de Oliveira Filipe sorri e recorda:

-Tenho lido múltiplas notícias nos jornais acerca do drama da Acrópole, de Veneza, da Catedral de Colónia; Falam de erosão, de poluição, de quantas coisas cujos efeitos são relativos. Já então tinha descoberto o meu processo, estabeleci contactos, mas ninguém se interessou verdadeiramente. Ceticismo. Um ignorado português com a pretensão de ter descoberto o que não conseguiram inúmeros cientistas de vários países?!

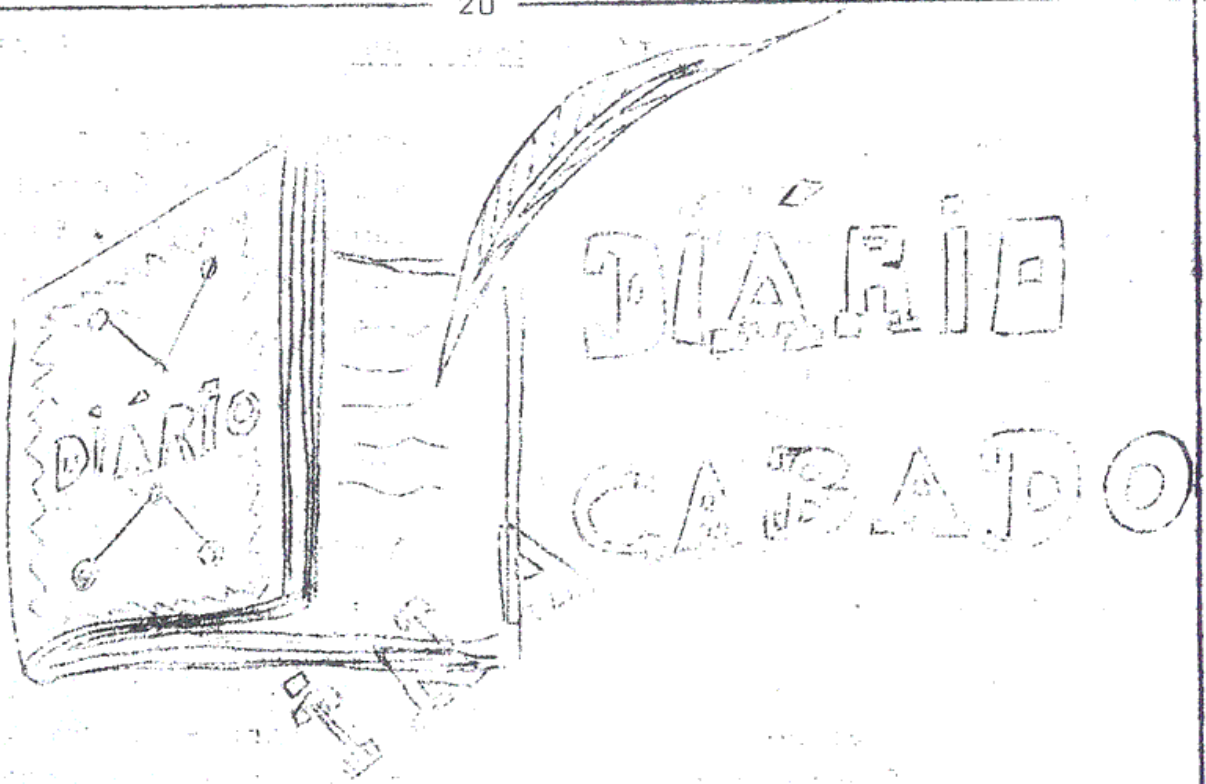
E diante dos olhos (também cépticos a princípio) do jornalista, o Sr. Acácio Filipe expôs pedras várias e documentou a metamorfose. Antes e depois. Quisemos saber como justificava aquele resultado.

-Este resultado pode ser obtido sobre calcários colíticos ou tuimicos. Estamos a tempo de salvar preciosidades, como é o caso da Igreja de Santa Cruz. Na Batalha há também em princípio um processo de afectação. Ali a construção foi feita com calcários de Cantanhede, a chamada pedra de Ançã. Aqui mesmo, em Lisboa, descobri numa das janelas da estação do Rossio um princípio de corrosão. Temos também o caso da Igreja da Conceição Velha, na Rua da Alfândega, Já fiz experiências.

É a humidade. A infiltração da água na pedra, amolecendo-a e tornando-a portanto, presa fácil das grandes chuvas. Depois o calor. Se eu fosse um cientista cuidaria de expor uma tese, sobre isso. Mas insisto: a morte da pedra é a humidade. A minha descoberta, além de impermeabilizar a pedra dá-lhe uma nova consistência, como se rejuvenecesse. Como viu, aquela pedra, que foi mergulhada em azul de metilene, absorveu o líquido e esboroa-se. E a outra, sujeita ao tratamento, não só ficou impermeabilizada como ganhou uma consistência nova, quebrando-se apenas pela força.

O método é simples e a aplicação requer apenas cuidados especiais, pois a pedra constipa-se, e é necessário atender a isso e a outros factores aquando da modificação do estado físico da pedra, antes da aplicação do produto.

Agora tudo dependerá da aceitação da minha descoberta e das providências que as autoridades queiram tomar para salvar essas preciosidades. As Catedrais podem ser salvas. Assim o queiram.



5 DE OUTUBRO. Hoje começou a minha vida. Meus pais ainda o não sabem. Sou menor que a semente duma maçã, mas já sou eu. E, embora não esteja formada, serei menina. Terei cabelos loiros e olhos azuis, e sei que vou gostar de flores.

19 DE OUTUBRO: Já cresci um pouquinho, mas ainda sou demasiado pequena para fazer qualquer coisa sózinha. A mamã faz tudo por mim. E o engraçado é que ela ainda não sabe que eu estou aqui, tão perto do seu coração. E alimentando-me do seu próprio sangue.

23 DE OUTUBRO: A minha boca começa a desenhar-se, imaginem! Daqui a um ano já poderei sorrir. Mais tarde saberei falar.

Sei qual será a minha primeira palavra: "mamã". Quem disse que ainda não sou uma pessoa de verdade? Sou, sim, tal como a menor migalha de pão é mesmo pão.

27 DE OUTUBRO: Hoje o meu coração começou a bater sózinho. Daqui em diante nunca mais parará de bater suavemente o resto da minha vida. Sem nunca parar para descansar. Depois, muitos anos depois, há-de cansar-se, parar, e eu morrerei. Mas agora não estou no fim, e sim no começo...

.../

A TODOS OS SEUS LEITORES
COLABORADORES E AMIGOS, O JORNAL
HORIZONTE DESEJA UMA VIDA
FELIZ.

2 DE NOVEMBRO: Todos os dias cresço um pouco. Os meus braços e as minhas pernas estão começando a tomar forma. Mas terei de esperar muito tempo até que as minhas perninhas me levem, correndo para os braços de minha mãe, e até que os meus braços possam abraçar meu pai.

12 DE NOVEMBRO: Agora começam a formar-se dedos minúsculos nas Minhas mãos. É estranho como são tão pequeninos. Mas como serão maravilhosos? Vão fazer festas a cachorrinhos, jogar a bola, apanhar uma flor, tocar outra mão... Meus dedos! Um dia poderão tocar violino, ou pintar um quadro.

20 DE NOVEMBRO: Hoje o médico disse à minha mãe, pela primeira vez, que já palpito aqui, sob o seu coração. Não estás feliz, mamã? Daqui a pouco tempo estarei no teu colo.

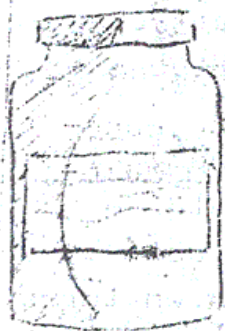
25 DE NOVEMBRO: Minha mãe e meu pai ainda nem sabem que sou menina. Talvez preferissem, um rapaz. Ou esperem gémeos - mas eu vou fazer-lhes uma surpresa. E quero que me chamem Katy, como a mamã.

10 DE DEZEMBRO: O meu rosto está completamente formado. Espero que venha a ser parecida com de minha mãe.

13 DE DEZEMBRO: Já posso abrir os olhos, mas ainda está tudo escuro à minha volta. Daqui a pouco, porém, os meus olhos abrir-se-ão para um mundo de sol, e de flores, e de criancinhas. Nunca vi o mar, nem as montanhas, nem um arco-íris tão pouco. Como serão? Como és tu, mamã?

24 DE DEZEMBRO: Mamã, oiço o teu coração bater. Ouvirás tu o bater leve do meu? É tão certinho - tip, tip, tip... Vais ter uma filhinha saudável, mamã. Sei que alguns bebés têm dificuldades em entrar no mundo, mas há médicos bons que ajudam as mães e os bebés. Mas eu estou impaciente por me sentar no teu colo, tocar o teu rosto, olhar os teus olhos. Estás à minha espera, impaciente por me ver - tal como eu espero por ti... não estás?

30 DE DEZEMBRO: Mamã, por que deixaste que eles parassem a minha vida? Seríamos tão felizes juntas...



MEDECINA

POUCO MAIS DE 10 DIAS...

...E chegando o boeing começa a alegria do reencontro com as famílias. Alguns pequenitos já vêm pelo seu pé, um pouco trémulos ainda abraçar o pai que os deixou a gatinhar. E durante uns dias é um nunca mais acabar de alegrias com os que são queridos e com os amigos.

Em breve se retoma a vida normal e estes 24 meses servirão de conversa a um serão, com um conhecido que por cá andou ou com jovens que ainda não-de vir.

Mas, justamente com o normalizar da vida surgem pequenas coisas, diarreias, uma febre que a aspirina não cura, umas dores de estômago, um joelho que parece ter ferrugem. Que fazer?

Por muito saudáveis que vocês se sintam é preciso não esquecer que passaram privações tremendas, que nem sempre o almoço e o jantar foi o caseiro, muita ração de combate foi comida, e muitos trambolhões foram dados e muitas asneiras feitas pelos aldeamentos dentro. Tudo deixa as suas marcas mais ou menos apagadas e que um dia virão aflorar na vossa vida. Então é necessário que saibam determinadas coisas para se defenderem dessas marcas.

Durante os 28 dias que estiverem de licença registrada, enquanto não passam à "peluda" podem recorrer aos hospitais militares; mas após esse acontecimento (a peluda, claro) ainda permanece a possibilidade de recorrerem aos hospitais militares por mais cerca de 3 ou 6 meses. Melhor do que eu o 1º Sargento da Companhia poderá dizer. E depois:

Admitamos que passaram uns tempos largos que vocês já não se lembram de Moçambique e que adoecem. Chamam o meu colega que olha, vê, apalpa, ausculta e fica na mesma. Receita o que lhe parece mais conveniente e a coisa não passa

.../

Ao fim de umas semanas vocês começam a andar de médico em médico; se têm a sorte de consultar um que tenha estado há pouco tempo em África, em comissão de serviço, ou tenha o chamado curso de doenças tropicais, porque provavelmente a vossa doença será tropical, ele resolve o problema. E se não encontram:

Há uma solução, existe em Lisboa, no hospital do ultramar, uma consulta de doenças tropicais. É aí que devem recorrer. Portanto em conclusão deste bocadinho escrito: uma doença que o médico não está a compreender que suspeita que tenha relação com a vossa estadia em terras de África é razão suficiente para irem dar um passeio até Lisboa.

Vamos a outro assunto:

Vocês já olharam para os vossos dentes? Concordem comigo que estão uma miséria. Parece-me que até ao fim da comissão não vem cá o estomatologista para vos tratar. Então é o primeiro assunto a resolver assim que derem os abraços e os beijos à família. TRATAR DOS DENTES.

Antes de acabar estas linhas ainda vos quero advertir de uma coisa:

Na Beira vão vos ser feitas análises para detecção de doenças tropicais; suportem-nas com paciência e colaborem com a equipa médica.

E mais não digo. Ou melhor digo que vos desejo ver com frequência cada vez menor no P.S. todas as manhãs e anseio pelo dia em que vos possa empurrar da porta de armas para fora.

Dr. Gundersen Marques

BOA VIAGEM

O C O R A Ç Ã O

O coração não é mais que uma bomba, ainda que a bomba mais perfeita, regular, resistente e indispensável que existe. O órgão-coração do homem pesa, em média, 350 gr. e expelle rítmicamente o sangue para um complexo sistema de tubos que irrigam todas as partes do corpo, nutrindo-o de oxigénio. Num dia de actividade, o volume de sangue que circula poderia encher um reservatório de 100 hectolitros: são por isso dez mil litros de líquido que circulam na rede sanguínea, que mede cerca de 100 mil Km. Em 70 anos de vida, o coração de um ser humano bate mais de 2 biliões de vezes, sem possibilidade de repousar, sem intervalos para reparações. Como todas as outras partes do corpo humano, também a admirável bomba deve ser nutrida e irrigada continuamente por sangue oxigenado: essa é a função das artérias coronárias e das suas ramificações.

A arterioesclerose é uma doença degenerativa das artérias que perdem, quando por ela atacadas, a elasticidade original: e isto pode acontecer até naturalmente com o envelhecimento do corpo.

Continua na pág.37



CINEMA

Contam-se por biliões os que penetram anualmente nas salas escuras de cinema. Qual o segredo de tal sedução? Qual o segredo do seu poder quase mágico de atrair as multidões que assim se contam aos milhares de milhões? Será sempre um mito como o artista que o informa, e que as leis psicológicas que lhe são imanes não conseguem desvendar perfeitamente. Esta fina psicologia que comunica ao filme tal poder de sedução é ambivalente, susceptível do bem, do belo e do nobre, como do mal e da depravação. Porque quase sempre se colocam as suas virtualidades ao serviço do mal não poucos intelectuais lhe chamam espectáculo de escravos e o culpam dos males do nosso tempo, entre a juventude transviada e os adultos sem critério.

Para mais o seu influxo toca todos os sectores fundamentais da vida: Sentimental, familiar, política, cultura e religiosa.

O FILME TRANSMITE-NOS UMA MORAL: 70% dos filmes actuais ilustram um comportamento, um "modo de viver" e um "modo de agir" contrários à moral tradicional. Conduzem ao crime, à mentira, à liberdade de amor, ao divórcio, etc...

O que o espectador não ousaria fazer na sua vida particular, o filme o realiza e justifica publicamente. Daí a confissão pública de um espectador "é muito mais maravilhoso, quando é imoral".

O FILME TRANSMITE-NOS UMA FILOSOFIA: O écran é uma autêntica Babilónica do pensamento. Nele se cruzam as mais diversas filosofias, como o materialismo marxista, o existencialismo, o hedonismo epicuriano, a tragédia grega ou o espiritualismo cristão. Problemas de hoje e de sempre, todos têm lugar nesta universidade popular: a guerra, a felicidade, o amor, a juventude delinquente, o crime, o divórcio, o perigo atómico etc... Tudo encontra solução, as mais das vezes contrária à recta razão.

O FILME PROPÕE-NOS UMA FÉ: A grande maioria dos filmes, quer sejam cómicos, dramáticos ou temáticos, apresentam um universo sem Deus, do qual foi destronado e substituído pelo super-homem.

Neles o homem é apresentado como o Messias dos tempos novos. Eis a eterna tentação do homem. Como o divino Prometeu quer roubar a Deus o fogo do céu para oper~~ar~~prodígios. "O homem é qualquer cosa que deve ser ultrapassado, exclama Nietzsche... o super-homem é a razão de ser da terra...".

A adoração devida outrora aos deuses pagãos volta-se, hoje, para as vedetas. É a este o paganismo contemporâneo a que devemos juntar o esforço de imitação que tão pouco favorece a higiene mental. Pois não é uma imitação meramente epidérmica que os espectadores adoptam inconscientemente, mas um estilo de vida, um modo de ser e de pensar que os introduz por vezes num beco sem saída. Para a maior parte dos espectadores, o herói é a resposta aos seus sonhos diários e o filme um mundo que dissolve por momentos a realidade que o rodeia.

Os filmes são o seu tubo de escape para as frustrações do dia a dia. Dada a condição da natureza humana nem sempre existe no espectador aquela energia espiritual capaz de resistir às más sugestões. Daí o dever para a crítica honesta de velar para que um instrumento, de si tão apto para educar e elevar as inteligências, se não transforme em veículo do mal e da depravação!...

1º AO SERVIÇO DO MAL

O cinema é uma escola que se dirige aos sentimentos, aos mais violentos como aos mais delicados. Tornou-se escola de amor livre, de um género de vida que se julga ser a felicidade. O cinema é para a multidão amorfa o tubo de escape do seu sentimentalismo. Perante o écran o coração abandona-se ao drama. O que a realidade recusa, pede-se à imagem fugitiva e inconsciente e, assim, os desejos entram com uma impetuosidade intempestiva no domínio da consciência pela brecha das emoções do instante. O cinema permite ao indivíduo e solicita, mesmo, que das profundezas do instinto deixe imergir os sentimentos de violência, contidos pela pressão das forças da ordem. No cinema tudo se torna permitido: a violência, o assassinio, o adultério, o divórcio e a infidelidade. É precisamente por esta escola de violência, licenciosidade e sensualidade que a vida humana está completamente falseada. Nem sempre o espectador possui aquela energia espiritual que lhe permite resistir a todas as sugestões e seduções.

Os jovens, sobretudo, ainda sem a experiência da vida, por isso, mais ávidos de a conhecer e viver, procuram no cinema resposta às mil e uma perguntas que fervilham no seu espírito, por vezes, já tão agitado pelas paixões. Para uma grande maioria, o cinema representa uma tentativa de evasão do trabalho quotidiano, para

outros, ocasião de se deleitarem no mundo dos sonhos, das ilusões e esperanças vãs, para todos a representação sugestiva dos acontecimentos em parte verdadeiros, em parte fantasistas, mas que sempre respondem a exigências, situações, problemas, e têm uma repercussão mais ou menos profunda na sua vida interior e na vida das suas relações sociais.

O écran abre-lhes as portas dum mundo desconhecido: ambientes de luxo faustoso ou de má vida, crimes perpetrados com astúcia diabólica, situações existenciais perturbadas pelo vício, aventureiros de lanterna vermelha, vedetas sem moral, tanto no cinema, como na vida real, etc, etc...

Tentemos só imaginar a repercussão num filme com tais componentes nos jovens rurais e montanhese, nas pessoas já feridas pela vida, provações da miséria, ou injustiças dos que os rodeiam. O cinema é um veneno mortal para seres tão débeis, uma tentação violenta para seres inocentes e sem defesa, e, uma cilada diabólica, tanto mais mortífera quanto sedutora se apresenta para aqueles que são as suas vítimas. Daqui, nascem os graves problemas morais que o cinema põe à consciência daquele que está encarregado por Deus de salvar as almas. Isto diz Pio XII quando afirma: "Diante dos graves problemas que angustiam o tempo presente, o cinema poderia parecer a alguns assunto de interesse secundário. Mas como se tornou para a geração presente, problema espiritual e moral de imenso alcance, não pode ser descuidado por aqueles que têm a peito a sorte da parte mais nobre do homem."

2º AO SERVIÇO DO BEM

Mas devemos admitir também que o cinema é uma arte magnífica. É a linguagem das massas, pois, exprime-se segundo a psicologia das multidões e não segundo a razão dos intelectuais. Fala aos olhos do coração. Prova pela evidência e convence pelo amor. Mas ninguém vá julgar que se pretende transformar o cinema num prégador de moral, ou fazer do écran um púlpito dogmático. Pede-se simplesmente ao cinema que seja, senão cultural, pelo menos, uma distração sã e repousante.

O seu ideal é pois grandioso: elevar os espíritos e não alienar os instintos, ajudar os homens a realizarem-se na sua totalidade existencial e não a degenerarem da natureza, abrir caminho à reflexão e dar acesso ao espiritual. Na medida em que o respeitarmos como arte e dum modo particular como cultura e espectáculo, manifestamos as nossas exigências e proclamamos bem alto os seus deveres.

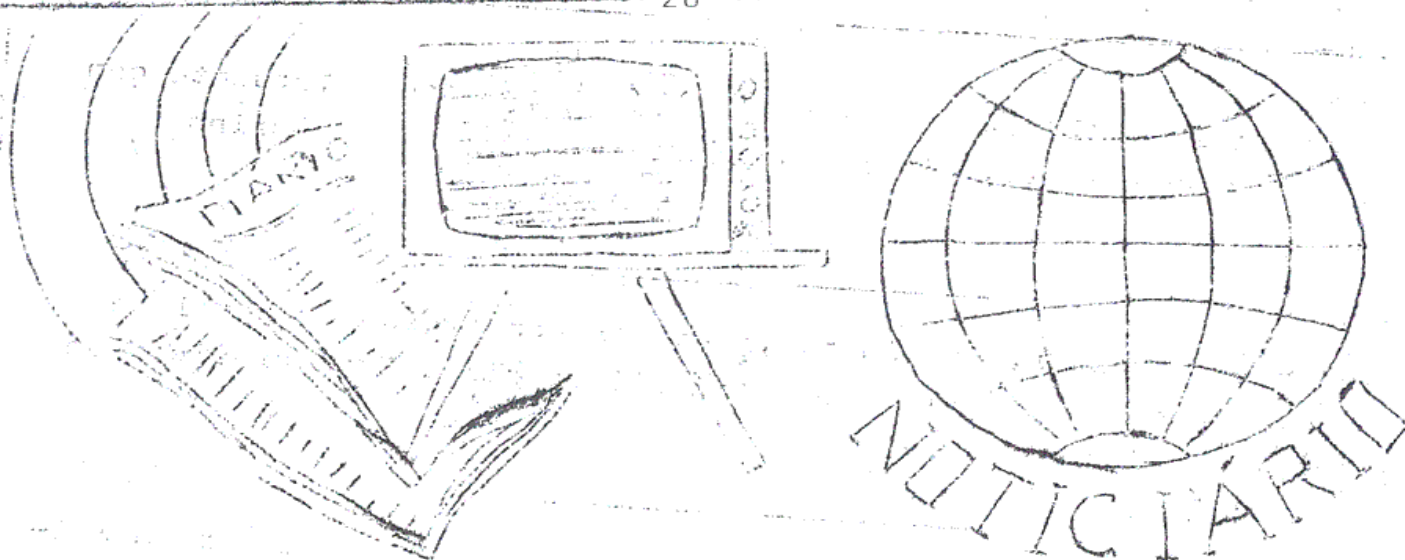
J. PEREIRA

MINHA MÃE

PAI

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa
 Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé do ti.
 Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares
 Cruzavam-se voando em torno dos seus lares
 Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
 Era a hora em que já sobre o feno das eiras
 Dormia quieto e manso o impávido lebreu.
 Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
 E a lua branca, além, por entre as oliveiras,
 Como a alma dum justo, ia em triunfo ao céu...
 E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
 Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,
 Eu balbuciava a minha infantil oração,
 Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
 Que mandasse um alívio a cada sofrimento,
 Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
 Por todos eu orava e por todos pedia.
 Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
 Por todas as paixões e por todas as mágoas...
 Pelos míseros que entre os uivos das procelas
 Vão em noite sem lua e num barco sem velas
 Errantes através do turbilhão das águas
 O meu coração puro, imaculado e santo
 Ía ao trono de Deus pedir, como inda vai,
 Para toda a nudez um pano do seu manto,
 Para toda a miséria o orvalho do seu
 pranto
 E para todo o crime o seu perdão de
 Pai...





M E T R Ó P O L E

Estão em construção quatro novas cobertas de 1.350 ton. da classe "João Coutinho" a que serão dados os nomes de "Baptista Andrade" "Afonso Cerqueira" "Oliveira e Carmo" e "João Roby".

— ££ —

Foi inaugurado em Lisboa o viaduto do Campo Grande. A sua utilidade não está em discussão. Dois outros viadutos estão em construção naquela zona da cidade.

— ££ —

Aveiro pretende construir o edifício mais alto do País: uma torre de 38 andares que terá 120 metros de altura e deverá ser construída com um investimento de 150.000 contos.

— ££ —

As rendas de casa constituem um problema para quem tenha de residir em Lisboa e arredores. Os construtores alegam, com certa razão, que essa alta é produto mais dos elevados preços dos terrenos do que do custo das construções. No fim do mês de Dezembro foram à praça vários lotes municipais em Lisboa. O que mais alto preço atingiu situa-se na Estrada do Calhariz, destinado a construções. Atingiu o preço de 16.500\$00 o metro quadrado. É difícil que a estes preços possam alugar-se casas a rendas baratas.

— ££ —

O problema da droga no nosso País vai, talvez tornar-se tão grave ou mais do que nos Estados Unidos ou em França, senão se tomarem desde já, medidas drásticas, castigando severamente os responsáveis pela difusão do uso da droga e todos aqueles que a tomam ou consomem.

— ££ —

.../

No Arsenal do Alfeite foi lançada à água uma doca flutuante com 62 metros de comprimento, ali construída para serviço da Marinha de Guerra.

— ££ —

Na praia do Alvor, no Algarve, vai ser construído um hotel em forma de torre com 17 andares que terá 312 quartos. Está previsto um investimento de 165.000 contos

— ££ —

O aeroporto de Faro vai ser ampliado de forma a permitir um maior estacionamento - 6 Boeings "747" ou 8 "707" - e assegurar inteira eficiência a um tráfego que aumentou mais rapidamente do que se esperava.

— ££ —

U L T R A M A R

Em Lourenço Marques vai ser construído um cais para navios porta-contentores que será o maior e mais bem equipado do continente africano e um dos melhores de todo o mundo.

— ££ —

O primeiro Grupo Especial de Pára-quedistas formado por voluntários africanos de Moçambique, que entrou recentemente em operações, tem revelado grande coragem e muito ardor combativo.

— ££ —

Perante o insucesso - que parece ser completo - das pesquisas de petróleo em Moçambique, as atenções voltam-se para o gás natural de Pande. A exploração dos jazigos vai ser entregue à "Ammoco Oil Co. e à Pan-American Oil Co. of Moçambique, que se propõem construir um gasoduto para a África do Sul.

A sociedade de Estudos e Investimentos, por seu lado, propõe-se instalar em Pande uma fábrica de amoníaco de síntese. Finalmente, está em estudo a liquefacção do gás e a sua exportação.

— ££ —

Angola fez, pela 1ª vez, a exportação de ananazes para Lisboa por via aérea - 200 caixas com 2.800 kg vindas do colónato da cole

Trata-se de uma experiência que, num futuro próximo, pode abrir perspectivas a um intercâmbio de frutas tropicais angolanas para a Metrópole e frutas Metropolitanas para Angola mediante a utilização de aviões de carga.

A Universidade de Lourenço Marques, quando concluída, será a mais moderna e a mais bem apetrechada do nosso país. Instalada numa área de 95 hectares terá instalações adequadas para 800 a 10.000 estudantes.

A primeira fase - das três em que será construída - custará 300 milhões contos.

— ££ —

A construção do estaleiro em Narinda Bay "Madagascar" deve iniciar-se em 1973. Está assegurado um financiamento sul-africano de 50 milhões de Randes, esperando-se ainda a cooperação dos estaleiros portugueses da Lisnave e a participação no capital.

— ££ —

Vai iniciar-se em Angola um plano regional de desenvolvimento que abrangerá os distritos do Bié e Huambo de que beneficiarão 1.487 milhões habitantes

— ££ —

As exportações de Angola atingiram em 1970 12.066.000 contos. O sector mineiro contribuiu com 5 milhões, os diamantes com 2.340.000, o petróleo com 1.736.000, minério de ferro com 1.318.000, o sector agrícola com 4.600.000.

— ££ —

Confirma-se o interesse de um grupo financeiro norte-americano para a instalação na zona central de Angola de uma nova fábrica de celulose. Tudo depende da concessão de 100.000 hectares destinados a florestas.

— ££ —

O Governador da Guiné, General António Spínola, restituiu à liberdade 40 ex-combatentes do P.A.I.G.C. "sois livres", disse-lhes o Governador, "até para regressar ao seio daqueles que vos mentiram".

— ££ —

Vai ser construído até 1974 o novo estaleiro de Setúbal para navios até 1 milhão de ton.

— ££ —

O porto de Saldanha parece ser o escolhido para a montagem de grandes instalações mineraleiras. Para ele também se inclinam as preferências dos industriais japoneses interessados no minério de ferro sul-africano.

— ££ —

E S T R A N G E I R O

O Botswana está a orientar-se para uma política de alinhamento com a Tanzânia e a Zâmbia. O facto vai por certo criar grandes dificuldades ao governo do Botswana, quer pela natural dependência económica em que o seu país se encontra da República da África do Sul, quer pela precariedade das ligações do Botswana com a Zâmbia, através do corredor contestado, entre Caprivi Strip e Rodésia.

 ££

Da visita a Abijdan de Leopold Senghor, presidente do Senegal, resultou um melhor entendimento pelo Governo de Dakar dos objectivos de Houphouet-Boigny, presidente da Costa do Marfim, sobre um diálogo com Pretória. Na próxima reunião da O.U.A. é de esperar que a "África Moderada ganhe vantagem sobre a "África revolucionária" que se opõe a este diálogo.

 ££

U Thant deixou as Nações Unidas, sendo substituído por Kurt Waldheim, antigo ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros. A sua eleição foi marcada por um objectivo - escolher um Secretário-Geral que soubesse mostrar-se compreensivo para com a inutilidade da organização e não tivesse veleidades de mostrar uma personalidade muito forte.

 ££

Em 1970, segundo as Nações Unidas, a população Mundial era de 3.632 milhões de habitantes. As maiores cidades do mundo são Tokyo com 11.454.000 habitantes, e Nova York 11.448.000 de habitantes incluindo os arredores. A seguir vem Londres com 7.703.000 habitantes.

 ££

A notícia parece prematura, mas de há muito correm rumores de que os Russos estão a dar os retoques finais num jacto atómico. Um avião capaz de se manter no ar 2 ou 3 meses a grande altitude (acima dos 20.000 metros) seria inestimável não só para o bombardeamento, mas sobretudo para a observação muito mais completa do que feita por satélites.

 ££

C O B R E

Calculam-se as reservas mundiais de cobre em 200 milhões de toneladas. Só o Chile possui cerca de 54 milhões.

Os Estados Unidos são o principal produtor logo seguido do Chile e da Zâmbia. O consumo do Ocidente em 1970 foi de 5.710.000 ton. e o do bloco comunista de 1.430.000 ton.

FUNDAMENTO MORAL DA POSIÇÃO PORTUGUESA

Sempre devotados a grandes empresas, que souberam realizar com génio criador e extraordinário espírito de missão, os Portugueses constituem um pequeno Povo que bem se pode orgulhar dos feitos cometidos, pelos seus antepassados ilustres, ao longo da sua História.

Em todos os campos de actividade têm os portugueses sabido firmar posições de relevo à escala mundial. Temos tido Santos, como temos tido Heróis, temos heróis que ficaram santos, temos estadistas, cientistas, homens de letras e artistas cujas obras são apreciadas e estudadas com interesse, por outros povos cultos.

Assim como os americanos são hoje motivo de espanto para outros povos, pelas suas conquistas nos domínios do espaço, também nós, na era de quinhentos, fomos admirados pela forma como realizámos a tarefa ingente e temerária dos Descobrimentos Marítimos, que assinalaram na História Universal, uma era de renovação do pensamento, das ideias científicas vigentes, e de progresso comercial e económico.

Nos territórios que hoje constituem as nossas Províncias Ultramarinas, fomos nós os incontestados pioneiros no convívio com as populações aborígenes e na sua assimilação para a civilização ocidental, de que éramos os arautos. Da nossa acção resultou uma singular sociedade multirracional e pluricontinental que, a despeito de todas as vicissitudes actuais, afirma constantemente, a sua posição e vitalidade no Mundo.

Assiste-nos, assim, o dever moral de garantir, intransigentemente, a defesa desses territórios e não abandonar as populações que neles existem e se habituaram a conhecer a paz e a liberdade que sempre lhe proporcionámos, à cobiça e inveja de alguns povos, camuflados como sabemos, por novos princípios ideológicos, políticos e sociais.

Não foi sem mérito próprio que nos soubemos impôr à estima e consideração dos autóctones, pelas qualidades altruístas que revelámos, miscigenando-nos, respeitando o direito consuetudinário e promovendo com sinceridade a sua promoção espiritual e social.

O sacrifício do povo português através de cinco séculos, nas terras ultramarinas, por ele desbravadas, não pode ser esquecido e, penhor seguro disso, constituiu a afirmação de "presente" da actual geração que, igualando os feitos do passado, e até suplantando-os, está mostrando ao mundo, que a Fé, a coragem e a determinação do nosso Povo, não são palavras vãs.

Damos assim, com honra e brio, perfeita continuidade ao nosso passado de glórias imperecíveis, com sentido das responsabilidades a que sempre nos propusemos e rara noção do que mais importa salvaguardar neste momento difícil da nossa História.

ESTATUTOS DO HOMEM

- Artº.1 - Fica decretado que agora vale a verdade
que agora vale a vida
e que de mãos dadas
trabalharemos todos pela vida verdadeira
- Artº.2 - Fica decretado que todos os dias da semana
inclusivé às terças-feiras mais cinzentas
têm direito em converter-se em manhãs de Domingo
- Artº.3 - Fica decretado que a partir deste instante
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão tireito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança
- Artº.4 - Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu
único -O homeme confiará no homem
como um menino confia em outro menino
- Artº.5 - Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras,
o homem se sentará à mesa
com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa
- Artº.6 - Fica estabelecida durante dez séculos
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos
e a comida de ambos terá o gosto de outrora

Artº.7 - por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da caridade e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo

Artº.8 - Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor

Artº.9 - Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal do seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura

Artº.10- Fica permitido a qualquer pessoa a qualquer hora da vida o uso de trage branco

Artº.11- Fica decretado por defenição que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã

Artº.12- Decreta-se que nada será obrigado nem proibido tudo será permitido inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begónia na lapela

Único -Só uma coisa é proibida:
amar sem amor

Artº.13- Fica decretado que o dinheiro não poderá nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou

Artºfinal- Fica proibido o uso da palavra liberdade a qual será banida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um jogo ou um rio ou como a semente do trigo, e a sua morada será sempre o coração do homem.

TENSÃO ALTA

TENSÃO BAIXA

Mas que se passa com a tensão, que anda para cima, que anda para baixo? Tem muito que se lhe diga a tensão. O electricista fala da tensão em termos 110,220 e acrescenta uma série de termos como reguladores, alternadores e outros "ores" que não conheço nem quero. O médico fala de tensão arterial e também essa anda para cima e para baixo, condicionando as pessoas a serem mais ou menos irritáveis e a fazerem subir ou descer a tensão ou circunstâncias. Os psiquiatras, que são médicos disfarçados de bruxos, falam de tensão psíquica que também sobe e desce, geralmente de braço dado com a tensão arterial e que provoca igualmente subidas e descidas na tensão dos circunstâncias.

E todos ós andamos com a tensão transformada num elevador de grande movimento. A semelhança é tão grande que quando a tensão é alta (eléctrica, arterial ou psíquica) sobre o mesmo fenómeno que o elevador, abre a porta e esvazia-se, fazendo faíscas, provocando acidentes vasculares ou explodindo com os nervos, despedimento do empregado, dois berros no pessoal ou... três guardas à benfica; quando está em baixo também se esvazia, o voltímetro vai a zero abre-se a porta para novas entradas, as artérias ficam secas, a pessoa desmaia, bate com cabeça no chão, parte-a e acorda com a dor e surge no aspecto psíquico, uma indiferença de tal modo que toda a gente diz que "o sujeito anda muito melhor".

No fundo é uma questão de tensão alta ou tensão baixa.

Mas que coisa irritante a tensão que nem sequer merece que se repare nela a não ser quando ela repara em nós.

Deixemos a tensão do electricista e fiquemos com as outras tensões a arterial e a psíquica. Como cada um é dono das suas artérias, é uma indelicada bisbilhotice andar a espreitar a tensão arterial de cada um, a menos que isso represente trabalho remunerado. Como bom profissional chamo a atenção para a minha semelhança com o electricista: como ele "ver a tensão custa dinheiro e em casa é mais caro..."

Fica-nos a tensão psíquica. Há pessoas que têm tanta tensão, às chamadas pessoas com tensão para dar e vender, que não se limitam a esgotar a sua, deles próprios, e ainda por cima esgotam a tensão do próximo. Vejam o caso dos políticos que com os discursos tensio-activos nos activam a tensão para no melhor da festa desligar o interruptor e oiça-se a exclamação unânime:

- Ainda não foi desta!...

.../

Depois há aquelas pessoas públicas, vulgo REPARTIÇÕES, que se comprazem a manter-nos a tensão ondulante. É para hoje, é para amanhã, e quanto vem a certeza toda a gente tem a tensão no ponto baixo do sinsóide. Primeiro que suba é um problema e tem tendência, de um modo geral, a ficar baixo.

Depois de tantas subidas e descidas há certamente muita gente que espera por um remédio para estabilizar a tensão. Tomam-se pílulas, comem-se bolos, vai-se ao futebol mas actualmente há uma receita, moderna descoberta da técnica, que parece insofismavelmente correcta:

— Contem até dia 24 de Fevereiro e verão como a tensão estabeliza.
— A propósito, até que dia terei que contar...

UM QUE FICA.

Dr. Gundersen Marques

O CORAÇÃO

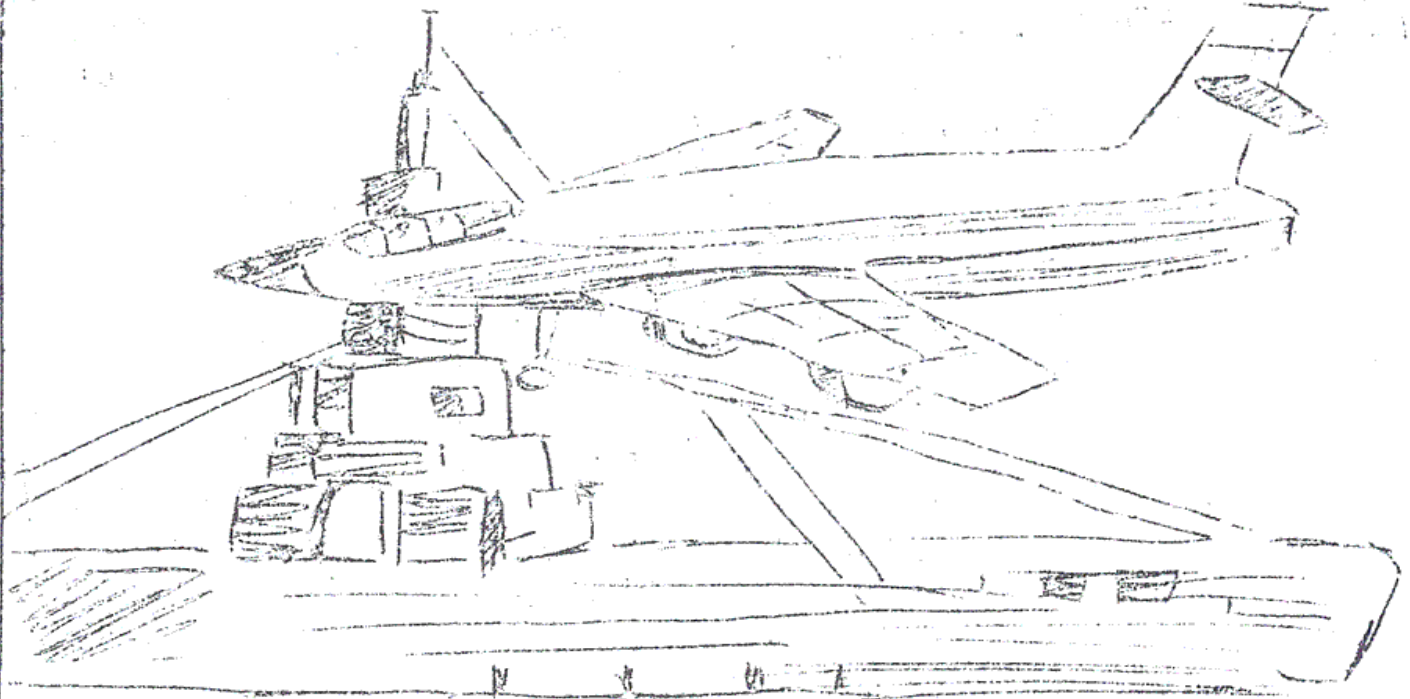
(CONTINUAÇÃO DA PÁG.23)

A aterosclerose sobrevem à arteriosclerose produzindo inchaços e incrustações nas paredes internas das artérias, de tal modo que o fluxo sanguíneo perde velocidade e interrompe-se nos pontos lesionados.

Daqui resulta que as regiões menos irrigadas pelo sangue sofram de falta de alimento, ou morram rapidamente, no caso da irrigação sanguínea se interromper. Se a aterosclerose atacar as artérias coronárias, pode surgir a insuficiência coronária ou o enfarte do miocárdio, no caso de a obstrução da artéria ser total. Quando isto acontece, a parte de miocárdio não alimentada por sangue morre, comprometendo de modo mais ou menos grave o funcionamento do coração.

Fazer uma lista de todas as coisas descontroladas que são conhecidas como causas predisponentes para o enfarte significa traçar um quadro fiel do modo como vive a maior parte da população das áreas industrializadas: existência sedentária, tensão emocional, alimentação excessivamente rica em gorduras e muito abundante, hábito de fumar. Cada um destes erros de comportamento tende a associar-se aos outros. Assim, os que levam uma vida sedentária, acabam por levar também uma vida tensa, fumam e fazem pouco desporto. A tensão emocional é a característica dominante do nosso tempo, quase um estado mental que se identifica com o modo de vida dos indivíduos. São tensos os jovens que procuram confusamente um mundo novo; os maduros, que lutam por satisfazer os seus desejos e tendências; os velhos, que se sentem demasiado cedo postos à margem da evolução produtora e das estruturas sociais impiedosas com eles. Por um lado, as tensões alteram o equilíbrio químico do organismo e, por outro, agem negativamente sobre o sistema nervoso e especialmente sobre a parte que regula o funcionamento do coração e da circulação. Aumenta a tensão arterial e eleva-se o nível das gorduras circulantes no sangue: aquelas gorduras que contribuem, acumulando-se nas artérias, par determinar o estrangulamento e as oclusões, causa directa do enfarte do coração.

(Continua na pág.54)



BOLETIM DAS FORÇAS ARMADAS

CINCO TONELADAS DE MATERIAL DE GUERRA CAPTURADAS AOS TERRORISTAS

O ARMAMENTO ENCONTRAVA-SE EM TRÂNSITO, PARA DISSEMINAÇÃO
PELO DISTRITO DE CABO DELGADO, NUMA BASE INIMIGA ENTRE MUEDA E
NANGADE.

Cinco toneladas de material de guerra pertencente ao movimento anti-português Frelimo, acabam de ser capturadas por tropas pára-quedistas actuando no norte do distrito de Cabo Delgado.

O referido material encontrava-se na base "Nova Beira", situada a meio caminho entre Mueda e Nangade, sabendo-se que se tratava de um reabastecimento considerado vital pelos elementos guerrilheiros. Em operação simultânea, forças de "comandos" detectavam e destruíam na área de Mocímboa do Rovuma, um outro refúgio inimigo onde foram apreendidos mais material e importantes documentos.

Ambas as acções, que se integram na fase actual de interdição da fronteira com o território da Tanzânia sucedem-se ao importante sucesso obtido em meados de Outubro passado, contra uma coluna de terroristas que se infiltrava pelo corredor de Mocímboa do Rovuma-Omar, transportando grande quantidade de material. Sabe-se que em consequência desse golpe, dirigentes da Frelimo deslocaram-se a Bar-es-Sala a fronteira com Moçambique, numa tentativa de organizarem uma nova infiltração de material que reabastecesse os pontos de apoio dos guerrilheiros, no norte de Cabo Delgado.

Conhecedoras dessas intenções, as autoridades militares portuguesas

tomaram medidas para obstar à entrada da coluna inimiga - que no entanto, a coberto da noite, logrou infiltrar-se. Informações imediatas permitiram, no entanto, apurar que o material recém-chegado se encontrava na base "Nova Beira", com a finalidade de ser distribuído por diversos pontos daquela área. Foi, desse modo, organizado um ataque ao referido acampamento de forma a interceptar o equipamento em trânsito. Entretanto, à mesma hora, um outro núcleo guerrilheiro seria igualmente atacado, na zona de Mocímboa do Rovuma.

As forças pára-queedistas, heli-transportadas, partiram de Nangade às primeiras horas da manhã. O assalto à base "Nova Beira" foi precedido de bombardeamentos aéreos, que cessaram, exactamente, um minuto antes das referidas tropas caírem sobre o objectivo. Agindo com extrema mobilidade, os pára-queedistas assenhorearam-se do acampamento e perseguiram os guerrilheiros em fuga, a quem causaram três mortos e dois feridos. Mais tarde, na sequência da sua acção, detectaram e destruíram o chamado "destacamento de Nangade" - pequena concentração de palhotas entretanto abandonadas.

É a seguinte a enumeração do material encontrado e capturado na base: 4 metrelhadoras

53 Minas

383 Granadas de morteiro

1742 Munições diversas

15 Cunhetes

121 Caixas de cargas suplementares para morteiros

74 Caixas de cartuchos propulsores

1 Aparelho de pontaria de morteiro

60,25 Carregadores e lâminas

4 Caixas para carregadores de tambor

outro material de guerra, géneros alimentícios, fardamento, utensílios domésticos e documentos.

Devido às dificuldades actuais de infiltração pela fronteira do Rovuma crê-se que estas acções possam vir a produzir graves consequências no respeitante ao reabastecimento dos bandos terroristas ainda existentes em Cabo Delgado.

EM ÁFRICA O QUE PRETENDEMOS É VALORIZAR A TERRA E DIGNIFICAR A GENTE.

REALIZOU ESSE OBJECTIVO EIS UM IDEAL QUE VALE A PENA SER VIVIDO E BEM E BEM MERECE O SACRIFÍCIO DE QUANTOS POR ELE LUTAM.

" ONDE TODOS OS CAMINHOS SE CRUZAM
E TODA A ZAMBÉZIA SE ABRAÇA "

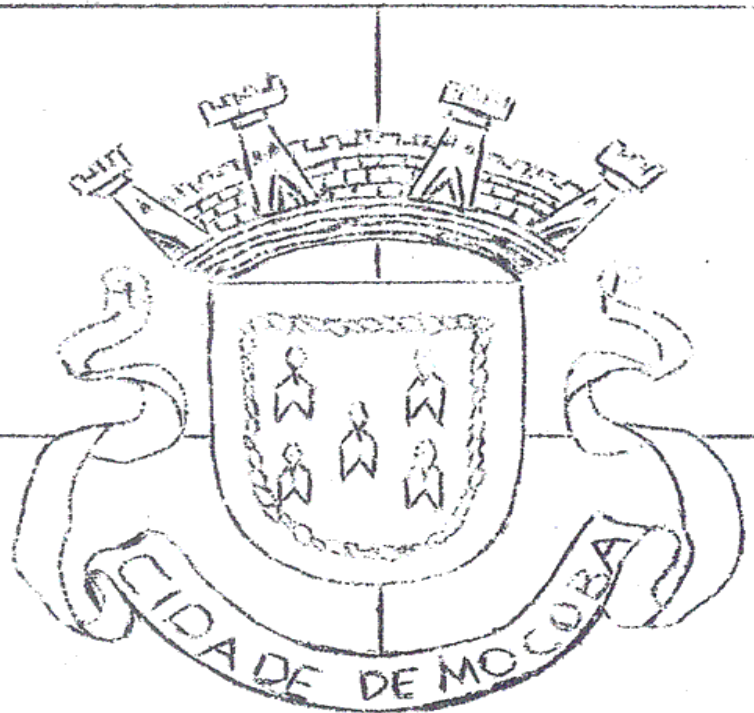
MOCUBA festeja no dia 12 de Fevereiro o seu primeiro aniversário. A sua ascensão tem sido rápida e progressiva. O que há 50 anos era mato fechado, apenas atravessado por uma picada que vinha de Quelimane até ao rio Licungo, hoje é uma cidade. É o coração geográfico da zambézia. Daí a sua importância num futuro não muito distante se os ventos da história correrem de maré.

Antes de 1928, Mocuba era um posto administrativo sem importância, subordinado ao posto de Mugeba, pertencente à Circunscrição de Maganja da Costa. Mocuba de então, com meia dúzia de casas à beira do rio Licungo e Lugela, era, apenas um centro de recrutamento de carregadores para os passageiros que iam de Quelimane para o Alto Molócue. Em 1928, Mocuba tornava-se Administração do Boror com os seguintes postos administrativos: Mugeba, Namacurra e Macuse. O primeiro Administrador foi o Sr. Carlos de Abreu.

Só em 1956 é que Mocuba era elevada a Concelho com uma área de cerca de 9.000 Km² e a povoação a Vila, por portaria nº II.567 de 21 de Julho do mesmo ano. Por portaria de 12 de Fevereiro de 1971 era elevada a cidade. A população da área do Concelho, contando com civilizados e autóctones,

é de 75.382 habitantes. O Conselho de Mocuba é limitado pelas Circunscrições de Namacurra, Morrumbala, Lugela Ile e os Conselhos de Milange e Maganja da Costa.

O clima é Sub-Tropical quente. Mocuba conta com um campo de aterragem aberto à navegação aérea para aeronaves com o peso máximo de 2.500Kg. É servida também pela única linha ferroviária da Zambézia que a liga a Quelimane. No início, os peritos tinham feito estudos para o assento duma linha férrea - Quelimane-Chire.



PORÉM TAL PROJECTO NÃO SE CONCRETIZOU



DA IMAGEM À IDEIA

Tornou-se lugar comum afirmar que a nossa época é dominada pela imagem. Mas tratar-se-á dum fenómeno novo que defina uma civilização? A maior parte delas foram, em graus diversos, "Civilizações da Imagem". Muitas até, conhecemo-las, exclusivamente, através do seu aspecto iconográfico. A novidade deste fenómeno resalta da comparação da nossa época com a imediatamente anterior, que foi a da civilização do livro. Desta relação nasceu um pretenso antagonismo entre a Ideia e a Imagem, entre o livro e o cinema. No entanto, um espírito habituado a distinções metafísicas, facilmente atinge o falho do problema.

Com efeito, há livros com imagens, ou então livros que, sem serem ilustrados, estão, no entanto, inteiramente situados ao nível psicológico da imagem. Inversamente, há imagens didácticas; esquemas intelectuais ou ideogramas, nos quais o conteúdo de pensamento não é de forma alguma inferior ao da palavra. Brunšchvicg resumia as suas lições mais abstractas num desenho evocativo. Com verdade se pode afirmar, pois, que há livros cheios de imagens e imagens cheias de ideias.

Posto isto, muito nos importa, agora, resolver o problema da estrutura humana da Imagem, - a saber - o das suas relações com a realidade, com a Ideia e com a existência.

I. RELAÇÕES DA IMAGEM COM A REALIDADE

Alguns colocam o cinema sob o patrocínio de Platão. Para Platão o cinema seria uma "caverna de sombras". O homem moderno todo votado ao mundo da matéria, cansado da monotonia da vida e dos trabalhos pesados do dia a dia, foge para o mundo da ilusão, à busca de alívio, repouso e esquecimento das contrariedades. São legítimas estas exigências, que o filme deve satisfazer. Mas, não esqueçamos que o fim de Platão é justamente, desviar-nos para fora da "caverna das ilusões e orientar-nos para o sol do verdadeiro mundo, o da realidade. O filme, com a arte que o informa, deve seguir os trâmites da natureza. Como o sono, deve arrancar à realidade o homem cansado e mergulhá-lo no paraíso ilusório dos sonhos, para, finalmente, o restituir renovado e revigorado à realidade que o rodeia. Sem recusar...

qualquer primado à razão, enquanto faculdade do real, temos que confessar que não é a única leitora fiel da realidade. A realidade ultrapassa, por vezes, os limites do predomínio soberano da razão e só a imaginação entregue a si própria é capaz de lhe explorar e exprimir certas zonas obscuras.

II. RELAÇÕES DA IMAGEM COM A IDEIA

Não nos deve impressionar o modo como os primeiros escritores nos falavam do cinema: "diverdimento de idiotas" Duhamel, "degradação de literatura" Thibaudet, "fim duma civilização" France, "inquietante retorno à barbárie" Sondag, etc, etc...

Se os posteriores mudaram de opinião foi unicamente na medida em que se aperceberam que as imagens cinematográficas podiam servir de veículo às ideias, exactamente, do modo como um prægador faz apelo às imagens emotivas, para fazer penetrar a sua doutrina no intellecto dos auditores, passando através de infra-estruturas afectivas, mais directamente accessíveis.

Não podemos dizer que a Imagem é antagonista da Ideia. Não se situa, necessariamente, nos antípodas da Ideia; é, antes, o caminho que a ela conduz ou o enquadramento que a situa. É já um certo medir de distâncias em relação às coisas, para se lhes descobrir o sentido. Existe algo mais no conteúdo da imagem do que aquilo de que é imagem. Isto mesmo escreve Pascal com pena de Mestre num dos seus célebres Pensamentos sobre a vaidade da pintura: "chama a admiração pela semelhança de coisas cujos originais não são admirados".

A imagem, mesmo que pinte simplesmente o real, surpreende-nos. A ideia que a imagem traz no seu seio não frutificará por si. É preciso um espírito atento que se dedica a elaborar o que é apenas sugerido. Aliás, esta exigência de elaboração reflexiva é necessária em todos os meios de expressão do imaginário. Em parte alguma se encontram ideias puras. É preciso fazê-las nascer dentro de nós a partir dos elementos da realidade bruta ou da palavra abstracta que sempre serão imagens. Podemos recusar-nos por preguiça ou inconsciência a fazer este trabalho. Mas, então a imagem torna-se uma espécie de cancro que prolifera e invade todo o campo das consciências e das civilizações e constrói um universo imaginário totalmente mergulhado no irreal. O cinema torna-se, assim, um fenómeno mórbido.

A solução deverá ser sempre dinâmica. Não se trata de suprimir um órgão ou de parar uma função mas, pelo contrário, de lhe restabelecer o exercício dentro da normalidade. A imagem deve permitir ao espectador activo fazer nascer dentro de si a ideia de que a imagem não contém senão o germen.

Tudo isto muita penetração de espírito exige para saber aprender

no interior das mais densas imagens a significação que elas contêm.

III. RELAÇÕES HUMANAS DA IMAGEM

A imagem permite-nos um encontro pessoal com novos seres que assim se tornam nossos amigos. Mas notemos que estes encontros em imagens só têm sentido se a inteligência os acompanhar até à própria realidade. Até agora, era-nos preciso sair do filme para lhes elaborarmos o significado íntimo, agora, é preciso sairmos do cinema para abraçar os seres cujo encontro nos preparou.

CONCLUSÃO

Pode parecer-nos complexo este circuito que parte do real e a ele volta de novo. No entanto, é este o esforço que se nos impõe para não fazermos do mundo das imagens o tubo de escape das nossas frustrações do dia.

O cinema tem por fim converter o visor às imagens que, por sua vez, se este consentir, o conduzirão à realidade.

É para a rua que nos conduz normalmente, a última imagem do filme porque é ali, precisamente, que ela poderá fundir-se na realidade de que tinha partido.

- Toda a imagem é uma forma sintética de expressão, no sentido de que, simultaneamente e não por sucessão, profere um juízo. Por sua vez a sucessão dos planos vai fazendo uma análise da realidade, atendendo não ao modo de expressão mas à extensão do real captado pela máquina. É esta a forma mais usual de o cinema se exprimir. A imagem permite ao espectador formular um juízo. Finalmente, o encadeamento dos juízos conduzir-nos-á à ideia que presidiu à obra de arte. -

J. PEREIRA

A AUDÁCIA CONDUZ À

VITÓRIA

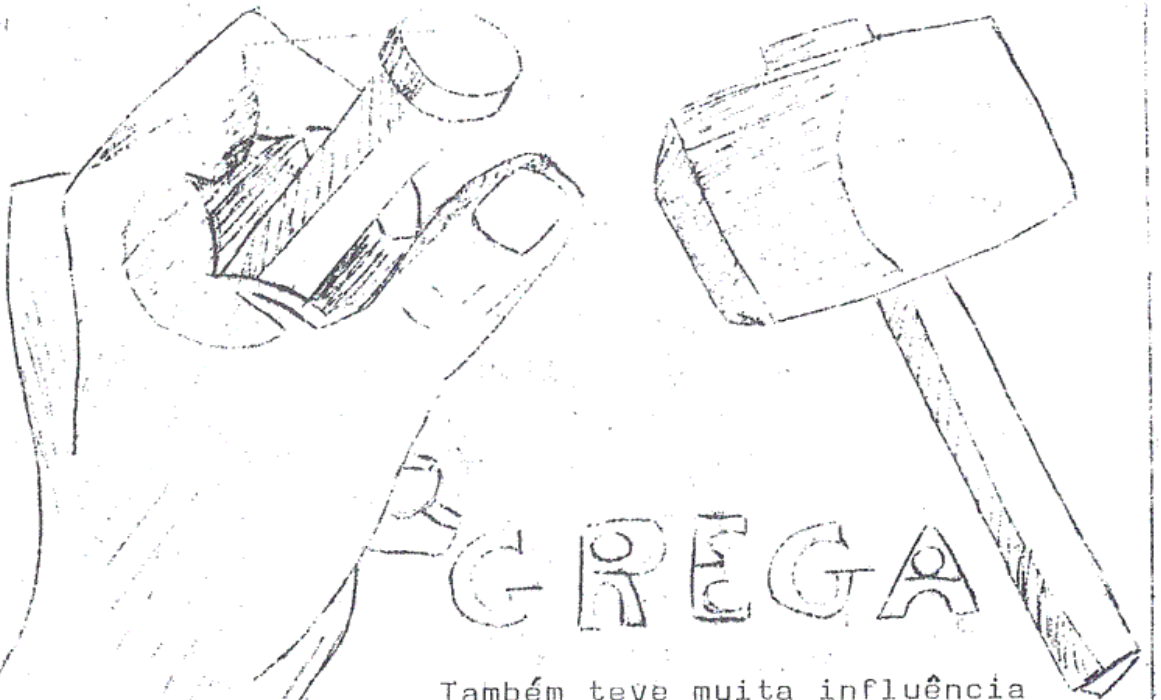
UNIDOS CONTINUAMOS

PORTUGAL

A INTERVENÇÃO MILITAR DAS NOSSAS FORÇAS ARMADAS EM ÁFRICA

É UM IMPERATIVO DE DEFESA DA ORDEM E DA SEGURANÇA DAS
PESSOAS E DOS BENS.

A
R
T
E



(Continuação do número anterior)

Também teve muita influência na arte grega o culto dos mistérios, sobretudo, aquele que se refere à interpretação mítica da génese humana. Segundo o mito dionísíaco, da união de Zeus e da filha de

Koré nasceu Zagreus, a quem o seu pai dá o império do mundo. Furiosos os Titãs despedaçam-no e devoram-no. Deméter salva-o e Zagreus renasce como Dionísos. Para vingar o crime, Zeus fulmina os Titãs e é das suas cinzas que nascem os homens. Segundo este mito, o homem tem uma dupla natureza: divina ou dionísíaca, e terrestre ou titânica. Orfeu elevou este mito e ensinou o método de o homem só aquilo que é dionísíaco ou divino. Pela purificação (nos mistérios órficos) o homem deve eliminar em si tudo o que é titânico e favorecer ou exaltar tudo o que nele é Dionísos. Atribuem-se a Museu, filho de Orfeu, estas significativas palavras: "Tudo em definitivo safu do Uno e tudo se resolve em Uno. Para este Uno caminham os filósofos pela via especulativa. Pela purificação do titã - via ascética - chegariam os gregos religiosos à contemplação do Sumo Bem, do Uno. Pelo seu talento, o artista prefiguraria a harmonia, a beleza estática e completa do Uno. Por isso, na arte grega, o homem aparece já não titânico, já não dramático, mas divino, prefigurando aquela harmonia, solene e sagrada que envolve e apregoa Bem, a Beleza e a Verdade.

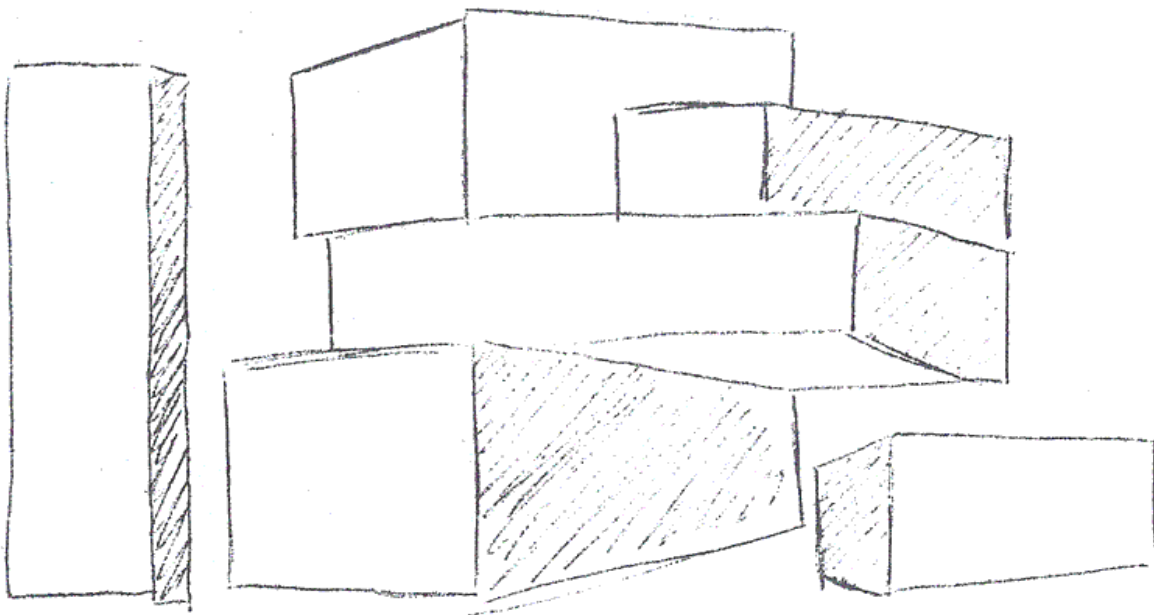
O teatro grego - o das tragédias - nasce no próprio seio dos rituais dionísíacos. Já vimos que a arte e o culto se identificam nas sociedades arcaicas. O culto tornou-se arte quando se impôs apenas como espectáculo. É então que o mito deixa de ser imotável para se adaptar a diversos fins. Os autores gregos aproveitam-se dos mitos para, através deles, apresentarem um tema, um determinado problema humano. O mito propriamente era o esqueleto sobre o qual acentava o drama.

No teatro os espectadores encontram nas figuras algo que .../

lhes diz respeito, pois essas figuras tornam-se modelos de todo o destino humano e o exemplo das relações entre os homens e os deuses. Os mitos dão às suas lições e comentários um elemento de novidade que os torna mais atraentes e mais claros; dão muito maior relevo a todos os factos actuais, pondo-os no mesmo plano em que figuram os grandes acontecimentos do passado. Essencialmente, a tragédia procura assumir a cisão que existe no homem: não só a cisão entre o titânico e o divino, como também, o mundo de contradições, de radicais conflitos, entre o Ser e o Não Ser, ao modo grego (Mundo e Homem). O que poderá fazer o homem, para se redimir? Mergulhar profundamente na sua miséria, assumir a cisão que o oprime, ter sempre presente à consciência o não ser conflituoso que constantemente faz fracassar os seus desejos e ideais. O espectador olha com horror o seu retrato no espelho teatral, e cuidará de promover a separação entre o corpo e a alma, repudiando aquele, purificando esta, a fim de conquistar a vida eterna.

Um outro mito que também influenciou a arte grega é o do retorno à unidade paradisíaca. Os gregos eram saudosistas de um passado aureo. Havia inúmeras lendas que lhes falavam de um passado esplendoroso que encarnava um ideal daquilo que os homens deveriam ser, realizar e sofrer. As suas imaginações exaltadas por essas lendas que falavam de heróis dem igual, de deuses que andavam pelo mundo como amigos dos homens, deram-lhes uma visão de um mundo harmonioso que eles admiravam e desejavam tornar a possuir.

Os artistas desejavam perfigurar a beleza do tempo original com a qual todos sonham, pois os mitos arrevelam como a beleza pura. Por isso esta unidade magestática da arte grega seduz todo o homem que sonha em voltar à beleza paradisíaca, à beleza perfeita e definitiva em que já não há mais mudança. O cristianismo também vai apresentar um termo da vida humana. Simplesmente, o Termo cristão volta-se em linha recta para o futuro. O fim último dos gregos era sonhado como um regresso aos tempos pré-adâmicos. O Cristianismo volta-se para o termo da história que cada homem há-de fazer por sua própria responsabilidade. Os gregos que acreditavam na estabilidade cíclica do tempo sonhavam com um regresso à antiga Idade de Ouro. Podemos concluir que a alma da arte grega e, em geral, de toda a arte clássica é o espírito do estatismo ideal. Afinal, essas estátuas de adolescentes, heróis, deuses, são habitantes ideais de um espaço purificado. Não são existentes. São um belo sonho da imaginação grega. O movimento não os toca: são mais do que estátuas; são o estático com todos os seus atributos, até o de uma beleza perenha, resistente aos séculos e aos milénios. Podemos dizer ainda que são o impossível embora, para nós, continuem a ser infinitamente sedutoras;



MURALHAS COM DEZ MIL ANOS DESCOBERTAS NO ATLÂNTICO

C
I
V
I
L
I
Z
A
C
O
E
S

Robert Brush, piloto de um avião de carga, tirou uma fotografia aérea de uma estranha construção submersa, ao norte da ilha de Andros, nas Bahamas. O "templo submarino" (assim baptizado pelo jornal "The Miami News", que publicou a fotografia) media 33 metros por 25 metros, estava coberto de plantas marinhas e situava-se a uma profundidade de dois ou três metros.

Robert Brush comunicou a sua descoberta ao Prof. Manson Valentine, conservador honorário do Museu de Ciências de Miami, e a Dimitri Rebikoff, este muito conhecido como pioneiro da fotografia e exploração submarinas.

O prof. Manson Valentine deslocou-se a Andros e examinou o "templo" e concluiu que se tratava realmente duma construção feita pela mão humana, coberta, na sua maior parte, por areia misturada com pequenos fragmentos de conchas, muito compacta nas bases dos muros, o que implicou o recurso a meios de escavação muito importantes.

O professor de Geologia Submarina Thomas Goedicke revelou-nos a importância da descoberta e as vivas controvérsias que levantara entre os arqueólogos americanos, dado que poderia vir a alterar todas as teorias sobre o povoamento da América e a origem das civilizações que aí se desenvolveram.

BLOCOS DE 25 TONELADAS

RESTOS DE UMA CIVILIZAÇÃO?

No caso destas ciclópicas construções remontarem a vários milénios, encontramos-nos em face dum fantástico enigma: que povo, que civilização legaram à humanidade estes monumentais vestígios da

PERDIDAS

sua presença?

NATAL



MATONATAL

OLHAI O CALENDÁRIO.
 É NATAL! É NATAL!
 E TÃO LONGE DE NÓS
 OS SERES TÃO QUERIDOS QUE P'RA NÓS TUDO SÃO!
 QUE VIDA! QUE FADÁRIO!
 E PARA NOSSO MAL
 AQUI NO MATO, SÓS,
 O NATAL NÃO TEM LUZ E CHORA O CORAÇÃO!

A LUZ DESTE NATAL
 É SOMBRA EM NOSSA ALMA!
 NÃO HÁ NEVE, HÁ CALOR!
 E A CONSOADA É DE ARMAS NA MÃO.
 EM VEZ DO AMOR, O MAL!...
 E NO MEIO DESTA CALMA,
 PODE NASCER O HORROR,
 NA LUZ BRILHANTE DA BÔCA DE UM CANHÃO.

MAS A NOITE É DE AMOR.
 ASSIM FOI E SERÁ
 ENQUANTO ELE QUISER...
 ENQUANTO AO MUNDO DER AMOR E ATENÇÃO!
 OLHEMOS AO REDOR...
 O QUE, NOS TROUXE CÁ?
 A PÁTRIA E O DEVER.
 O ETERNIZAR NATAIS, COM LUZ E CORAÇÃO!

(Continuação da pág. anterior)

ANJO DO MAL, ESCUTAI.
 ENQUANTO UM LUSO HOVER
 ALGURES, EM NOSSO MUNDO,
 PODEIS TER A CERTEZA DE QUE HAVERÁ NATAL.
 ANJO DO MAL, CHORAI...
 HAVEMOS DE VENCER
 ESTE NATAL PROFUNDO
 QUE É NATAL DE SAUDADE, MAS É NATAL.

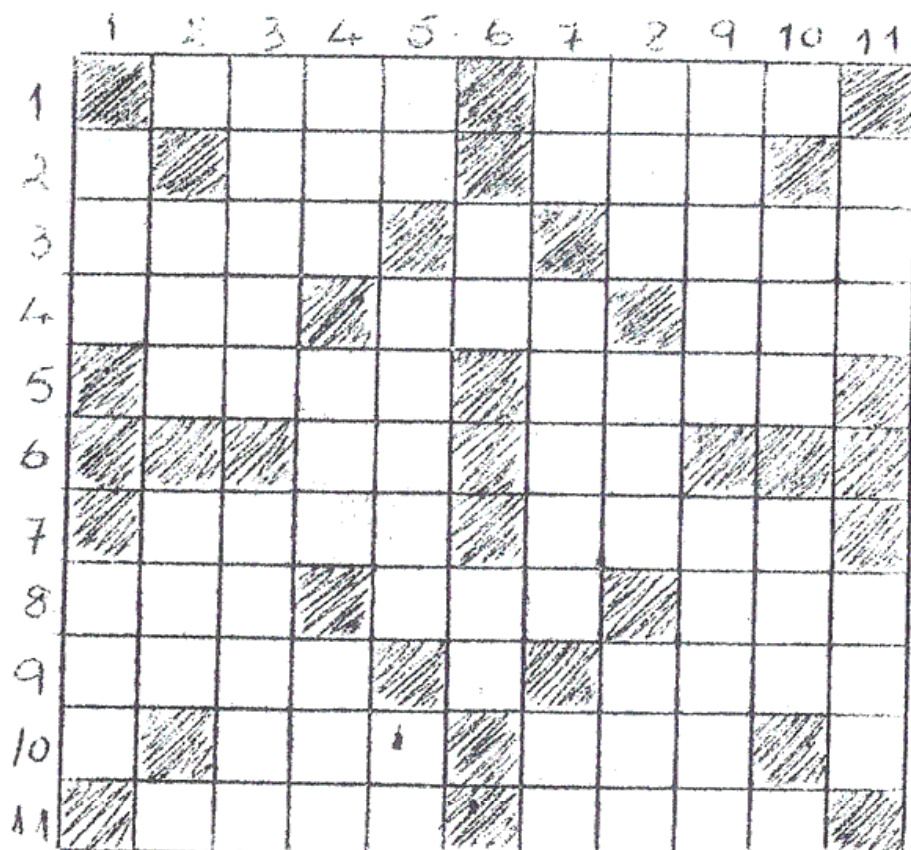
Por: MENDES DA SILVA

VIVE!!!
 FAZ DE CADA MOMENTO
 UM SONHO;
 PELA TUA VONTADE
 UMA REALIDADE.
 FECHA OS OLHOS AO
 DESALENTO
 A SOLIDÃO E
 A BRUMA
 E PENSA ENTÃO
 QUE VIDA
 HÁ SÓ UMA

E.F.R.

ROSEIRA

C PALAVRAS



C
U
Z
A
D
A
S

HORIZONTAIS:

1- Uma das três Musas, segundo Pensanias; víscera situada por baixo das falsas costelas. 2- Contração de preposição e artigo indefenido; nome dado pelos japoneses aos religiosos budistas. 3- Pássaro semelhante ao pardal; belga ou leira. 4- Categoria; ossos da espinha dorsal dos porcos; fala em público. 5- Pequena pedra bruta; carne no rancho de cada marmitta. 6- Artigo antigo; pref. de negação. 7- Deus indiano do amor; pequena povoação de nativos do Brasil. 8- Tudo o que fere o ouvido; corrente; Hossana! 9- Filho de Adão e Eva; nome do primeiro homem, para os cristãos. 10- Partícula de átomo; gaivota. 11- Peça de metal ou arame, que prende e liga loiça quebrada; arraia miáda.

VERTICAIS: 1- Título dos bispos Maronitas; malícia espirituosa, 2- Depositari; género de antílopes da África do Sul. 3- Próprio para alimento; parapeito na parte superior de castelos e muralhas. 4- Chefes (ant.); a pessoa amada; sobrinho de Abraão, cuja mulher foi transformada em estátua de sal (bibl.) 5- Preposição; casa nobre; ponto do caule onde se insere a folha ou folhas. 6- Muar; espécie de frauta chinesa com três buracos. 7- Ama-de-leite; grito agudo das aves enfurecidas; catadura. 8- Patrão; antiga medida de três palmos ou côvado; prende com fita. 9- Temperatura elevada; pá de ferro para brasas. 10- A cor escarlata (ant); antiga capital da Birmânia. 11- Cabeça de concelho ou jug; nasc. do Sol.

O VELHO O RAPAZ E O BURRO

O mundo ralha de tudo
tenha ou não tenha razão;
quero contar uma história
em prova desta asserção.

Partia um velho campónio
do seu monte ao povoado;
levava um neto que tinha,
no seu burrinho montado.



Encontra uns homens que dizem:
-Olha aquele que tal é!
Montando o rapaz que é forte,
e o velho trôpego a pé!

-Tapemos a boca ao mundo -
o velho disse-; rapaz,
desce do burro, que eu monto,
e vem caminhando atrás.



Monta-se, mas dizer ouve:
-Que patetice tão rata!
O tamanhão de burrinho,
e o pobre pequeno à pata!

Apeiam-se e outros lhe dizem.
-Toleirões, calcando lama!
De que lhes serve o burrinho?
Dormem com ele na cama?

-Eu me apeio-diz prudente
o velho de boa fé-;
vá o burro sem carrego,
e vamos ambos a pé.

-Rapaz-diz o bom do velho-,
se de irmos a pé murmuram,
ambos no burro montemos
a ver se ainda nos censuram.



Montam, mas ouvem dum lado:
-Apeiem-se almas de breu!
Querem matar o burrinho?
Aposto que não é seu!

- Vamos ao chão - diz o velho -,
já não sei que hei de fazer!
O mundo está de tal sorte
que não se pode entender.



- É mau se monto no burro,
se o rapaz monta, mau é,
se ambos montamos, é mau,
e é mau, se vamos a pé!

- De tudo me têm ralhado;
agora que mais nos resta?
Peguemos no burro às coatas,
façamos inda mais esta!

Pegam no burro; o bom velho
p'las mãos o ergue do chão;
pega-lhe o rapaz nas pernas,
e assim caminhando vão.

- Olhem dois loucos varridos!-
Ouvem com grande sussurro -;
fazendo o mundo às avessas,
tornados burros do burro!

O velho então pára e exclama:
- Do que observe me confundo!
Por mais que a gente se mate,
nunca tapa a boca ao mundo.



- Rapaz, vamos como dantes,
sirvam-nos estas lições;
é mais que tolo quem dá
ao mundo satisfações.

DES- PORTO



Após impugntes despiques ao longo de variadíssimas noites, caiu finalmente o pano sobre este longo campeonato.

Como já era de calcular, a nossa equipa principal saiu vencedora sem qualquer margem de dúvidas. A nossa outra representação, que obteve um honroso quinto lugar, de parceria com uma outra formação, foi também premiada com a taça disciplina, pois que conjuntamente com a equipa "A" foram as únicas turmas que não sofreram qualquer expulsão.

A última jornada forneceu-nos os seguintes resultados:

BAT "B"	3	BENFICA	0
ACAD.	6	MADAL	2
SECT. "A"	4	PAD	3
INTEND	1	FER	4
SECT. "B"	1	BAT. "A"	14

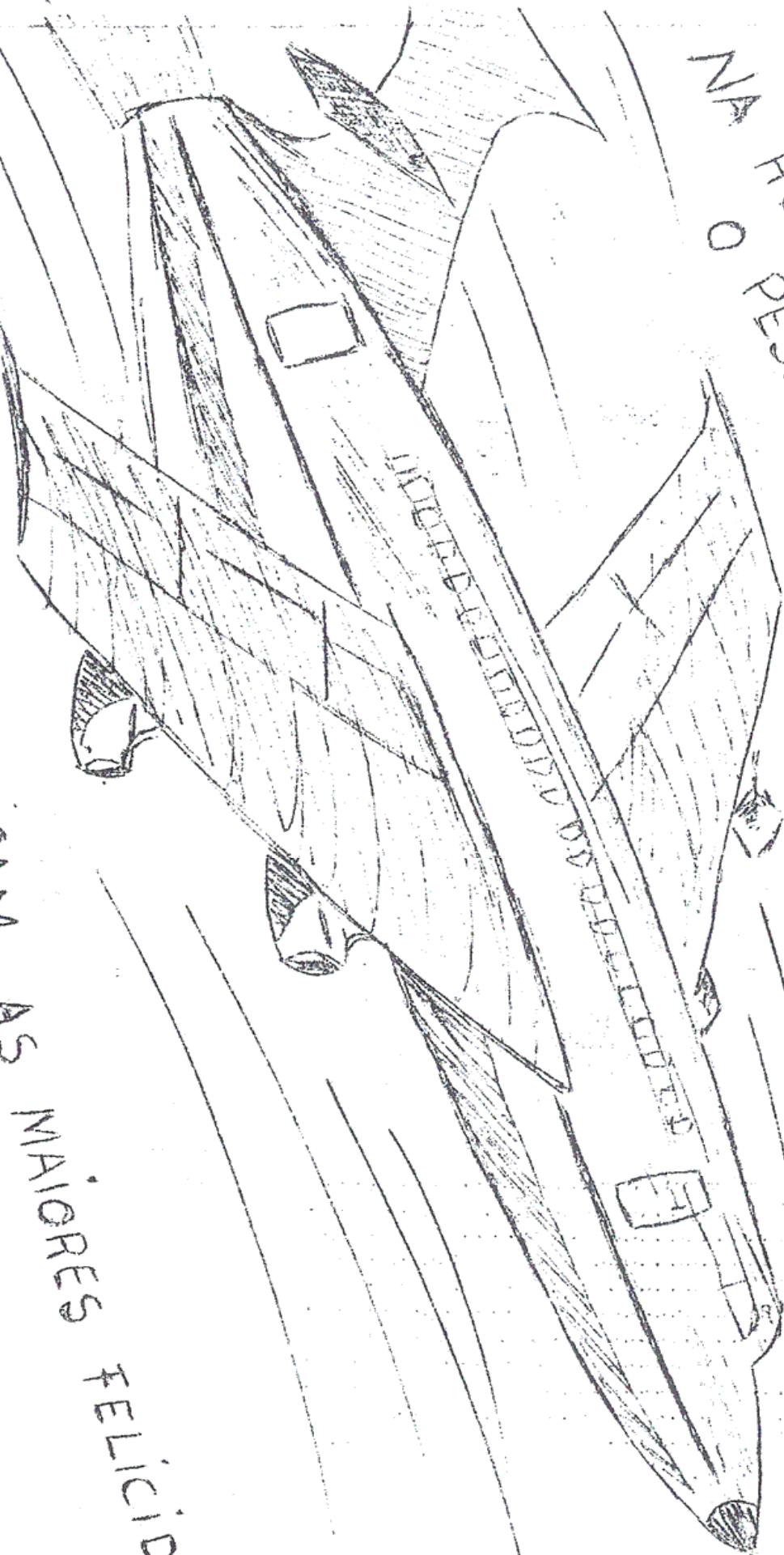
<u>CLASSIFICAÇÃO FINAL</u>	<u>PONTOS</u>
BATALHÃO "A".....	33
MADAL.....	31
ACADEMICOS.....	28
FERROVIARIO.....	20
BATALHÃO "B".....	17
SECTOR "A".....	17
INTENDÊNCIA.....	12
P.A.D.....	11
BENFICA.....	7
SECTOR "B".....	6

Realizou-se também uma garraiada, em que intervieram vários militares entre eles o conceituado Chefe de Forcados "Cavaleiro", que se destacou pelo seu elevado conhecimento tauromaquiño, sendo colhido na fase final. Porém, do incidente não resultou qualquer dano para o insígne "CAVALEIRO".

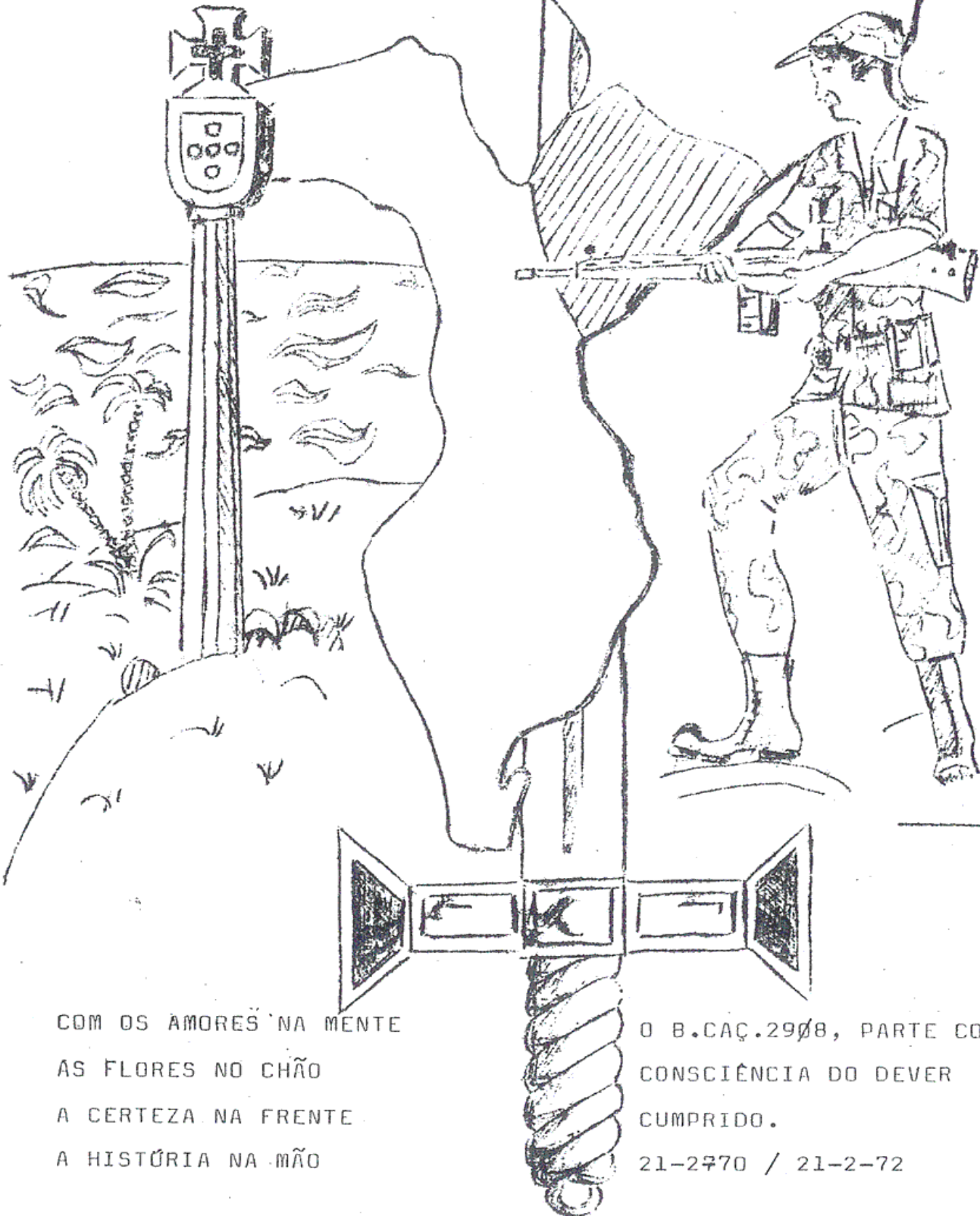
NA
HORA
O PESSOAL
DA DESPEDIDA
DO B. CAÇ. 2908
DESEJA AOS

QUE FICAM AS MAIORES FELICIDADES

LISBOA



B. CAÇ. 29/8



COM OS AMORES NA MENTE
AS FLORES NO CHÃO
A CERTEZA NA FRENTE
A HISTÓRIA NA MÃO

O B. CAÇ. 29/8, PARTE COM A
CONSCIÊNCIA DO DEVER
CUMPRIDO.

21-2770 / 21-2-72